

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares

MEPM - 2010/2012

Variante de Literatura

O ITINERÁRIO DE EGÉRIA
[SÉC. IV]

OLHARES SOBRE UM OLHAR

Orientadora

Professora Doutora Isabel de Barros Dias

Dezembro 2014

Rosa Manuela Barbosa Oliveira

Dezembro 2014

Júri da Prova de Mestrado defendida no dia 10 de Dezembro de 2014 na Sala do Conselho Científico da Universidade Aberta, em Lisboa:

PRESIDENTE: Professor Doutor Carlos Fonseca Clamote Carreto, Professor Auxiliar do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta.

ARGUENTE: Professora Doutora Maria João Violante Branco, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

ORIENTADORA: Professora Doutora Isabel Maria de Barros Dias, Professora Auxiliar do Departamento de Humanidades da Universidade Aberta.

Dezembro 2014

AGRADECIMENTOS

Por mais ínfima que seja a ajuda de cada um, ela tornou-se visível no trabalho que aqui se apresenta.

Tendo consciência da dificuldade em nomear todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que a realização deste trabalho chegasse a bom porto, e não querendo deixar ninguém de fora, manifesto desde já um muito obrigada a todos, sem exceção.

No entanto, não posso deixar de agradecer a todas as docentes da 4ª Edição do Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares da Universidade Aberta, nomeadamente às Professoras Doutoradas Carla Almeida, Ana Paula Avelar, Helena Malheiro e Ana Nascimento Piedade.

O meu agradecimento especial vai para a Professora Doutora Isabel de Barros Dias, pela confiança que em mim depositou ao aceitar orientar este trabalho. O seu elevado nível académico e profissional, assim como o empenho e dedicação demonstrados, foram pedras fundamentais na construção do caminho percorrido. Agradeço também a gentileza do Professor Doutor Carlos Fonseca Clamote Carreto, Presidente de Júri da Prova de Mestrado e a arguência da Professora Doutora Maria João Violante Branco que me deu a oportunidade de continuar a aprender mesmo durante a defesa da minha dissertação.

Não posso também deixar de referir o António Melo, incansável nas suas buscas bibliográficas em torno de Egéria, os colaboradores da Biblioteca da Universidade de Oviedo em Espanha e da Biblioteca Cittá de Arezzo em Itália, em particular a sua Diretora, Dra. Silvana Chianucci, que autorizou a consulta do manuscrito e me disponibilizou todos

Dezembro 2014

os documentos solicitados.

Finalmente, o meu maior reconhecimento vai para o Jacinto. Foi ele que desde o princípio me deu o ânimo necessário para não desistir desta viagem e manter um rumo capaz de enfrentar as tormentas, aprendendo com elas.

RESUMO

Pretende-se realizar, com este trabalho, um exercício de sistematização e compreensão pedagógica da viagem que Egéria fez, no séc. IV e da qual resultou um Itinerário que, embora incompleto, chegou até aos nossos dias.

Perspetivamos assim o nosso “olhar”, permeado pelos olhares de vários autores, no sentido de nos devolver as vivências e o “olhar” de Egéria face a uma realidade tão distinta da nossa.

PALAVRAS-CHAVE:

Egéria; Peregrinação; Oriente; Cristianismo; Identidade;

ABSTRACT

We intend to perform an exercise in systematic and pedagogical understanding that Egeria's pilgrimage held in the fourth century and which resulted in an Itinerary which, though incomplete, arrived to the present day.

We put so our "look", through the look of various authors, to give us back the experiences and the "look" of Egeria in a reality so different from ours.

KEYWORDS:

Egeria; Pilgrimage; Orient; Christianity; Identity;

:

RESUMÉ

Nous avons l'intention de procéder a une exercice de compréhension systématique et pédagogique du voyage qu'Égérie a réalisé au quatrième siècle, et qui a abouti à un itinéraire qui, bien qu'incomplète, est arrivé à nos jours.

Nous concevons donc notre “regard”, parmi les “regards” de différents auteurs, pour nous redonner l'expérience et le regard d'Égérie, à partir d'une réalité si différente de la nôtre.

MOTS-CLÉS:

Égérie; Pèlerinage; Orient; Christianisme; Identité;

Dezembro 2014

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
RESUMÉ.....	vii
INDICE.....	viii
INTRODUÇÃO.....	2
1. EGÉRIA E O NOROESTE PENINSULAR NO SÉC. IV	
1.1 Características culturais, políticas e sociais	7
1.2 Os Concílios e as condenações das heresias.....	21
1.3 Quem era Egéria?.....	38
2. A LITERATURA DE VIAGENS E O ITINERÁRIO DE EGÉRIA.....	46
2.1 Dificuldades no enquadramento tipológico: Epístolas ou Literatura de Viagem.....	48
3. OUTROS OLHARES SOBRE O "OLHAR" DE EGÉRIA.....	69
A) O "Olhar" do Abade Valério.....	70
B) O "Olhar" de Agustín Arce	71
C) O "Olhar" de Henry Chadwick.....	74
CONCLUSÃO.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	79
1. Bibliografia Ativa.....	79
2. Bibliografia Geral.....	79

Dezembro 2014

Às minhas famílias e em especial

ao meu filho David,

*“...De longe muito longe desde o início
O homem soube de si pela palavra
E nomeou a pedra a flor a água
E tudo emergiu porque ele disse...”*

(ANDRESEN, 2006: 32)

INTRODUÇÃO

Refletir sobre uma obra escrita por uma mulher no séc. IV, na tentativa de intercetar outros “olhares” sobre o seu “olhar”, revelou-se uma tarefa mais árdua do que inicialmente supúnhamos.

Que fatores fizeram com que Egéria empreendesse, no séc. IV, uma viagem à Terra Santa? Que implicações pessoais e que impacto teve a sua escrita ao longo do tempo e nos nossos dias?

Estas são questões de difícil resposta dado o lapso de tempo, 17 séculos, que nos separa de Egéria. No entanto, e tendo também em conta a variante de Literatura em que a dissertação se insere, esta investigação permitirá compreender melhor o papel do relato de viagens na divulgação e apreensão “visual” das paisagens naturais e construídas, em terras desconhecidas fisicamente mas ansiadas espiritualmente.

Ajudará também a uma melhor clarificação dos aspetos sociais, culturais, políticos e religiosos do séc. IV, no Noroeste Peninsular, época em que Egéria viveu e região de onde terá partido para a sua viagem à Terra Santa.

A apreensão desse espaço físico, a Terra Santa, contém uma carga simbólica muito forte, transformando-se em ânsia para a “salvação” e “purificação” da alma e do espírito, essencialmente para quem realiza a “viagem”.

Supera-se assim um nível concreto da viagem para se passar a um outro nível, o da viagem interior, do olhar sobre si próprio numa dimensão “espiritual”, invisível, como se de um ritual iniciático se tratasse.

Dezembro 2014

Saint-Exupéry dá-nos uma imagem muito significativa desta dimensão interior da viagem quando afirma que a principal viagem é dentro de si próprio e não no espaço, pois qualquer que seja a região por onde passamos ela só nos encanta na medida em que nos renova. Viajar é aprender novas formas de comunicar, novas linguagens:

Penetrar num país é submeter-nos lentamente à transformação que nos impõe, de maneiras de sentir e de pensar, e assim nascer uma segunda vez. Esse limiar do mundo desconhecido, que pressentimos antes de cada partida, que recua a cada passo que damos em frente sem nunca franquearmos a passagem, franqueei-o eu bruscamente por um passe de mágica. Que me importava agora o que eu ia abordar: a matéria do mundo era nova.

(SAINT-EXUPÉRY, 2009: 173)

A abordagem que faz, ao caracterizar o homem através de expressões profundamente ligadas à terra e ao céu, como se em cada viagem um novo homem resultasse dessa simbiose entre o confronto e a resistência, conduz-nos a um outro mundo, dentro e fora de nós próprios, de que não tínhamos consciência:

La terre nous en apprend plus long sur nous que tous les livres. Parce qu'elle nous résiste. L'homme se découvre quand il se mesure avec l'obstacle.

(SAINT-EXUPÉRY, 1939: 9)

Também Eric Bourdeilh, no seu trabalho sobre a experiência do viajante esteta e filósofo, atribui um papel fundamental a este lado “invisível” da viagem:

Dezembro 2014

Voyager c'est avant tout rencontrer l'Autre, se confronter à une diversité de formes et de modèles d'existence qui procurent, à l'individu qui les éprouve, un enseignement existentiel.

(BOURDEILH, 2010: 1)

Iremos abordar o Itinerário de Egéria tentando descobrir o que está para além do imediato, do visível, do simples olhar mas que, sendo olhar concreto, se entrelaça com as emoções e as vivências espirituais de quem vê.

Será que no Itinerário de Egéria existem particularidades que podem superar a viagem de peregrinação, enquadrando-a num âmbito mais vasto de “aventura”, iniciação, rito de passagem face ao mistério?

Tentaremos encontrar, no Itinerário de Egéria, formas reveladoras duma dimensão interior e dum sentido que se busca dentro e fora de si próprio.

O facto de ser mulher e de ter escrito o relato dessa viagem, que conseguiu chegar até aos nossos dias embora incompleto, leva-nos a considerar que estamos perante um texto com implicações ao nível social, político, cultural e espiritual.

Esse facto, reforçado pelo poder da palavra escrita, proporciona uma perspectiva mais enriquecedora e abrangente do papel da mulher nessa época tão distante.

Como diz Sophia de Mello Breyner:

De longe muito longe desde o início, o homem soube de si pela palavra.

(ANDRESEN, 2006: 97)

Dezembro 2014

E vai ser através dessa “palavra” que ela também se vai dar a conhecer. As atitudes que toma, as perguntas que faz, a curiosidade que manifesta, a “aculturação” que voluntariamente vai viver, vão permitir, a quem lê o itinerário, conhecer também um pouco a própria autora para além das terras, dos usos e costumes dos povos que visita e com os quais vai vivendo ao longo de três anos.

Consideramos também que a carta do abade Valério del Bierzo, do séc. VII,¹ permitiu superar algumas lacunas que existem no texto de Egéria e compreender melhor o contexto cultural do Noroeste Peninsular assim como o impacto que o *Itinerarium* teve no próprio abade Valério, três séculos depois da sua escrita. É um “olhar” do séc. VII sobre Egéria e o seu texto.

Outros “olhares”, de dois autores do séc. XX, permitirão ainda perspetivar e projetar essa “viajante” e a sua viagem, em diferentes horizontes.

Tendo consciência da nossa limitada competência, perante os inúmeros especialistas de reconhecido mérito que têm trabalhado o Itinerário de Egéria, pretendemos apenas realizar um exercício de sistematização e compreensão pedagógica dessa viagem, perspetivando o nosso olhar no sentido de nos devolver as vivências e o “olhar” de Egéria face a uma realidade tão distinta da nossa.

¹ A carta de Valério, que iremos utilizar encontra-se no livro de Pierre Maraval e Manuel C. Díaz y Díaz, (2002), *Égérie Journal de Voyage (Itinéraire) et Lettre sur la Bse. Égérie*, Paris, Les Éditions du Cerf. Foi a partir dos vários manuscritos que existem sobre esta carta que se chegou à identificação de Egéria como autora do Itinerário pois o nome de Egéria (embora com grafias diversas) encontrava-se no título da carta e no corpo do texto. De realçar ainda que o manuscrito, encontrado por Gamurrini em 1883 na “Confraternité dei Laici” em Arezzo, do Itinerário de Egéria, é uma cópia do séc. XI, incompleta, faltando o início (onde estaria provavelmente a identificação da autora), algumas folhas no meio e no fim.

NOTA SOBRE A BIBLIOGRAFIA

Na realização deste trabalho utilizamos como Bibliografia Ativa a edição de Alexandra Mariano com revisão da edição latina por Aires A. do Nascimento (MARIANO, NASCIMENTO, 1998).

Para destacar as citações do *Itinerarium* em si, ou seja, do texto latino traduzido, usaremos a referência (MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998).

No entanto, consideramos também que a consulta e estudo das diferentes edições do texto latino do Itinerário, traduzidas em português e em línguas nas quais temos algum domínio, como a edição crítica castelhana de Agustín Arce (ARCE, 1980), a versão francesa de Pierre Maraval e Manuel C. Díaz y Díaz (MARAVAL, DÍAZ Y DÍAZ, 2002) e a versão portuguesa anotada de José Cardoso (CARDOSO, 1999), contêm notas e comentários diferenciados que enriquecem a leitura e a compreensão do texto original traduzido, razão pela qual as incluímos na Bibliografia Geral.

1. EGÉRIA E O NOROESTE PENINSULAR NO SEC. IV

*“Um texto tem cordas que ressoam quando o lemos
e preenchem os espaços entre nós e o horizonte –
ou para além de qualquer horizonte”*

(SALEMA, CANTINHO, 2011: i)

A área geográfica da Península Ibérica sofreu, ao longo dos tempos, invasões com características diversas e cujo impacto teve repercussões diferenciadas ao longo do território.

Com a romanização, a região do Noroeste Peninsular desenvolveu uma especificidade resultante da permanência das suas tradições pagãs com elementos da tradição romana. Essa especificidade revelou-se em diversos níveis, nomeadamente na língua, na religião, na cultura e na sociedade.

Para melhor se compreenderem esses níveis, iremos referir, de forma sucinta, alguns aspetos que os concretizam.

1.1 Características culturais, políticas e sociais do Noroeste Peninsular no séc. IV

No séc. IV o Noroeste Peninsular pertencia à chamada província da *Callaecia*.

Dezembro 2014

Diocleciano, nos finais do séc. III, dividiu a província imperial *Tarraconense* em três províncias:

Callaecia, Tarraconensis e Carthaginensis, tendo como principal finalidade o controlo da cobrança de impostos.

(GOLDSWORTHY, 2010: 212).



Mapa da *Callaecia* com a reforma de Diocleciano (FELICIANO NOVOA, 2003: 88)

A *Callaecia*, região que nos interessa particularmente, pois é, segundo muitos autores², o berço de Egéria e o local donde partiu para a sua viagem/peregrinação, tinha *Bracara Augusta* como capital ou *conventus* e os seus limites integravam

o norte português e as actuais Galiza e Astúrias

(TAVARES, 1992: 34)

² Gamurrini considerou que a pátria de Egéria, a quem ele deu o nome de Sílvia de Aquitania, era a Gália Narbonense. Também K. Meister, apesar de conhecer o comentário de Ferotín à carta de Valério del Bierzo, sustenta que Egéria era da Gália meridional e que o seu mosteiro se encontraria em Marselha ou Arles. No entanto, é a carta de Valério que vai revelar a verdadeira pátria de Egéria. Enrique Flórez confirma que Valério nos revela que Egéria era originária desta província banhada pelo oceano ocidental e que o próprio Valério chama de “extremidad de esta región occidental”. Ferotín também conclui que a pátria de Egéria, de acordo com a carta de Valério, era a “Província Gallaecia”. Vários autores, que nos últimos tempos se têm debruçado sobre o Itinerário de Egéria, admitem também a sua origem nesta região. Cf. ARCE, Agustín (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, BAC, pp.23-27.

Dezembro 2014



A criação desta nova província, entre 284-288 por Diocleciano, já tinha sido anteriormente tentada pelo Imperador Caracala.

Segundo o Professor Jorge de Alarcão,

A *Callaecia* teria sido separada da *Tarraconensis* e convertida em província autónoma com aquele título. Esta divisão entre uma *Hispania Nova Citerior* e uma *Hispania Vetus Citerior* não teria durado mais do que o reinado do imperador, e a unidade teria sido restabelecida logo após a morte de Caracala.

(ALARCÃO, 1988: 60)

Também o Professor Avelino Jesus da Costa, no Dicionário de História da Igreja em Portugal, refere que:

A elevação de Braga a capital da nova prov. da Galécia (que ia do rio Douro ao Mar Cantábrico), criada por Caracala em 216, deve ter levado à fundação da dioc. pouco depois, embora o seu 1º bispo, historicamente comprovado, seja Paterno, eleito pelos priscilianistas

Dezembro 2014

em data incerta e confirmado c. do ano 400 pelo conc. I de Toledo, depois de ter abjurado a heresia[...].

Apesar de já ter vários bispos em meados do séc. III, a Galécia esteve representada no conc. de Elvira (300/302) apenas por Decêncio, bispo de Leão, que, na altura, devia formar uma só diocese com Astorga [...].

Do primitivo território diocesano, que era vastíssimo, pois ia de c. de Pontevedra ao Douro e do Atlântico ao rio Esla, foram-se desmembrando outras diocs. e localidades, no decorrer dos sécs.

(COSTA, 1984: 130, 131)

Vai-se desenhando assim, nesta região, uma certa autonomia que se concretizará mais tarde com Diocleciano quando *Asturica Augusta*, até então capital regional, perde a primazia em detrimento de *Bracara Augusta* que passa a ser a nova capital.

Em 313 o Imperador Constantino I e Licínio, que havia sido nomeado Augusto para o Ocidente, encontram-se em Milão e definem, em conjunto, uma nova política para o cristianismo. Decretam assim a liberdade de culto para os cristãos e o fim do paganismo como religião oficial do império, num documento que veio a ser chamado de édito de Milão. Nesse documento também se afirmava

a firme intenção de restituir aos Cristãos os bens que lhes haviam sido confiscados durante a grande perseguição.

(CHRISTOL, NONY, 1993: 269)

Dezembro 2014

Nessa época, a estrutura ideológica subjacente ao poder tinha uma base de essência divina. Para o imperador Constantino essa “divindade”, de que ele era um intermediário e que já se havia manifestado em 312 quando todo o Ocidente passa para a sua posse ao vencer Magêncio na Ponte Mílvia a 28 de Outubro, transforma-se em “Deus”.

Surge assim a teologia política em que o poder do Imperador se justifica oficialmente como estando investido pelo Deus dos cristãos.

Contudo, o papel desempenhado pelo cristianismo não anula a ideologia tradicional do poder imperial. Segundo Paula Oliveira e Silva, a proclamação oficial do Édito de Milão em 313, sobre a liberdade religiosa e com a consequente integração social do cristianismo, não se fará sem contrapartidas:

Efeitos incontestavelmente danosos desta proclamada «liberdade de praticar a religião que cada um queira» foram, por um lado, o Césaropapismo e, por outro, a perda do carácter interpelador do testemunho cristão, uma vez que, tendo-se tornado vantajosa a adesão ao cristianismo, a qualidade de vida de muitos cristãos tendia a desfigurar o ideal que professavam.

Este inciso sobre o Édito de Milão não é irrelevante para a compreensão de um conjunto de atitudes e de acontecimentos em torno dos quais se forja a produção intelectual do século IV, de modo a permitir um aval lúcido sobre as intervenções do poder político nos Concílios de Niceia, ou em Sirmio e Rimini, e as atitudes, tantas vezes penosas e contestáveis, assumidas em face de questões que mais fariam apelo à necessidade de ampliar uma visão do mundo do que à tomada de decisões de governo.

Compreender a situação histórica em que se inscrevem os conflitos intelectuais deste período permite concluir que em boa parte eles se

Dezembro 2014

sustentam na confusão de poderes que sempre se verifica quando se estabelecem relações ambíguas entre as formas institucionais de expressão religiosa e a dinâmica da vida, na qual se inscrevem. (SILVA, 1999: 46, 47)

Nos finais do séc. IV, a instabilidade política e social vai-se traduzindo progressivamente, como assinala Ivo Castro, numa

perda de influência de Roma, enquanto outras regiões do Império se autonomizavam ou se tornavam mesmo centros secundários. (CASTRO, 2006: 57)

Roma vê assim enfraquecer o seu poder económico face ao Oriente onde o clima económico é muito mais vigoroso, estando já patente o dealbar do declínio do império romano do Ocidente.

O historiador Robert-Henri Bautier, no seu livro “A Economia na Europa Medieval”³, faz uma descrição pormenorizada dos fatores económico-sociais que levaram a esse declínio:

A fiscalização das vias comerciais que desembocam no mar Vermelho e golfo Pérsico e o entroncamento das vias romanas e chinesas da seda no Centro da Ásia abrem novas perspectivas aos comerciantes dos produtos da parte oriental do Império[...]. O marfim, o incenso, a pimenta e a seda chegam facilmente aos mercados do mundo romano. As cidades caravaneiras dos percursos – Palmira ou Petra- e mais ainda os grandes mercados de Alexandria e Antioquia, Laodiceia e Beirute, enchem-se de prosperidade. Daqui a preponderância alcançada, em fins do séc. II e durante o século III,

³ Cfr. BAUTIER, Robert-Henri (1973) *A Economia na Europa Medieval*, Lisboa, Editorial Verbo

Dezembro 2014

pelo poder do Oriente, dos seus negócios, dos seus recursos em ouro, da sua religião, num mundo politicamente instável. Roma, a capital, torna-se, na arena política, um posto militar, economicamente um peso morto. Acompanhando a decadência da Itália, todo o Ocidente entra, por sua vez, em declínio em meados do séc. III [...]. A depressão demográfica não é menos séria. A Espanha, por exemplo, é aparentemente esvaziada da sua população. Cádiz, porto principal, torna-se quase uma aldeia, e as suas exportações de azeite para Roma diminuem de tal forma que o Testaccio, o grande depósito dos rebotalhos de Roma, não contém fragmento algum de bilhas espanholas datando do período posterior a 256.

(BAUTIER, 1973: 12 e 14)

Para além deste ambiente de enfraquecimento do poder de Roma, a *Gallaecia*, província da *Hispania*, era uma das regiões mais ocidentais do Império e por isso mesmo mais periférica. Nessas regiões o impacto da romanização, como fenómeno de aculturação, era muito menos intenso do que nas regiões imperiais mais centrais.

Esse aspeto manifestou-se também ao nível da língua.

O *sermo cultus*, latim culto usado geralmente nas zonas urbanas por pessoas escolarizadas, não era a língua utilizada pelos camponeses, soldados e até pelas camadas superiores da população em meio familiar que se serviam do *sermo vulgaris*, latim vulgar como meio de comunicação oral.

Agustín Arce elabora uma lista de 12 termos do Itinerário a que chama *Hispanismos*, referindo que Egéria usa formas e semânticas novas. Dá alguns exemplos como *ad sero*, - “à tarde” - em que

Dezembro 2014

el uso e inércia del lenguaje vulgar[...] que tiende a la nivelacion de formas y funciones sintácticas, por la ley del menor esfuerzo y por arrastre analógico, sólo se fijaba y se fija en la mayor expresividad espontánea de sus sentimientos e ideas[...] uno de los factores decisivos, incontenible y fecundo, para la transformación más o menos rápida de una lengua, tan normativa y firme como el latín imperial y pós-imperial, pero distorsionada y desintegrada por la misma variedad de sus numerosas provincias en otras lenguas, distintas por su nueva fonología, morfología y estructura sintáctica. (CAMPOS citado in ARCE, 1980: 48, 49)

Alexandra Mariano reforça também esta especificidade do latim vulgar utilizado por Egéria afirmando que

Egeria recorre a usos linguísticos que se podem entender como particularidades da região noroeste da Península e socorre-se de um estilo, condicionado pela vontade de transmitir tudo o que vê e encontra, que acusa uma tendência para a espontaneidade e é hoje considerado um dos testemunhos mais importantes do latim vulgar. (MARIANO, NASCIMENTO, 1998:12)

Num outro trabalho, publicado em 2007⁴, Alexandra Mariano continua esta linha de investigação e cita diversos autores (Hübner, 1871, Ferotín, 1897, Agustín Arce, 1980, Veikko Väänänen, 1987, José Geraldês Freire, 1987 e Aires A. Nascimento, 1988) que têm baseado a origem hispânica de Egéria no estudo de alguns vocábulos do *Itinerarium*.

⁴ Cf. MARIANO, Alexandra Brito, (2007) “*In eo quod Amatur aut non Laboratur aut et Labor Amatur* -Esforço e Satisfação no *Itinerarium* de Egéria” in *OTIUM ET NEGOTIUM- As Antíteses na Antiguidade*, Actas de Colóquio, Lisboa, Vega, pp.142-143. Neste artigo explicitam-se os diversos exemplos que cada autor usou para fundamentar a origem hispânica de Egéria e referem-se as obras publicadas pelos referidos autores.

Dezembro 2014

Também José Cardoso considera que há similitudes entre o vocabulário de Egéria e a estrutura da língua galaico-portuguesa, dizendo que:

se vislumbram as afinidades existentes entre as estruturas gramaticais, sintáticas e frásicas do período egeriano e as do galego-português. Ao escrever num *latim corrente tardio* em que a língua deixou de ser sintética e passou a ser analítica com o recurso funcional de preposições[...] Egéria segue os processos usados por outros escritores da época, quando pretendem e desejam ser entendidos por não importa quem os leia ou ouça. Por isso é que Egéria utiliza uma língua coloquial.

(CARDOSO, 1999: 19, 29 e 30)

Existem ainda outros autores portugueses como Francisco José Velozo e Paulo Durão, S.J., que reforçam a origem ibérica de Egéria, cujo nome designam como *Etéria*.

Francisco José Velozo afirma que o *Itinerarium* de Egéria⁵ é um exemplo do latim lusitânico chegando mesmo a escrever um

glossário eteriano-lusitânico[...] para cabal apreciação do latim da *Peregrinatio* ou *Itinerarium*, como antepassado português e galego[...]. Etéria [seria da] província romana da Galícia e representa aquele núcleo cultural e monástico de que Braga foi centro. (VELOZO, 1966: 21 e 36)

Em relação a Paulo Durão, S.J., o seu artigo publicado na Revista Bracara Augusta em 1968, pretende apenas:

⁵ Ver também VELOZO, Francisco J., (1982) “Filosofia e História” in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. XXXIII, pág.190

Dezembro 2014

chamar a atenção para algumas curiosas formas da sua linguagem, em razão da semelhança que nelas se verifica com o português actual.

(DURÃO, 1968: 5)

O Professor José Geraldes Freire discorre sobre a origem hispânica de Egéria relacionando os termos

accedere, collum e pullus

(FREIRE, 1987: 273)

com a respetiva correspondência aos termos “aceder”, “ter ao colo” e “poleiro” que existem na língua portuguesa.

Por sua vez, Stig Ramlöv Frandsen⁶ ao escrever sobre o Itinerário de Egéria, faz uma abordagem do ponto de vista filológico e diz que esta obra, por si só, contém os fundamentos para o estudo do latim vulgar:

En ce qui concerne la philologie, et plus précisément la philologie romane[...] il est presque inconcevable qu'on ne se soit pas approché du latin vulgaire au cours de l'étude de l'histoire des langues romanes sans faire connaissance du récit de ce pèlerinage[...] un text qui, presque seul, peut fonder l'étude de la langue qu'il emploie.

(FRANSEN, 2004:164)

Todos estes elementos comprovam o uso do latim vulgar por Egéria, língua utilizada, com as suas particularidades, no Noroeste Peninsular. Servem também como justificação, para alguns autores, da Gallaecia como a pátria de Egéria.

⁶ FRANSEN, Stig Ramlöv, (2004), “L’Itinerarium Egeriae: Un Point de Vue Littéraire” in *Classica et Mediaevalia*, nº 55, p.164

Dezembro 2014

Para além destes aspetos, há ainda a realçar o papel importante que tiveram as traduções latinas das Escrituras que circulavam em grego, na segunda metade do séc.

II.

A *Vetus Latina*, que hoje muitos autores consideram ser uma coleção de traduções do grego para latim e não uma só obra, permitiu uma maior divulgação, adaptação e conhecimento do cristianismo nas diferentes regiões do Império.

O facto de as Escrituras estarem em latim, faz com que estas só possam ser ouvidas por aqueles que falam o latim, e à medida que o proselitismo cristão avança, a romanização vai sendo igualmente realizada. Assim, tendo usado a língua do Império, o cristianismo vai tomar aspectos diferentes de lugar para lugar, devido a adaptar-se às realidades de cada religião e desta forma surgem cristianismos em vez de um cristianismo único.

(HUFFSTOT, 2008: 27)

Esta adaptação da língua às diferentes realidades sociais, culturais e religiosas, vai perdurar no tempo e no espaço, nomeadamente na região do Noroeste Peninsular. Tendo em conta essa especificidade, Margarida Barahona Simões considera que existe uma

cultura da faixa atlântica da Península Ibérica durante a Alta Idade Média [em que se entrelaçam] [...] a cultura e religião indígenas[...] a cultura e religião romanas e ainda a cultura e religião orientais de que a romanização é portadora e por vezes, integradora.

(SIMÕES, 1989: 61,62)

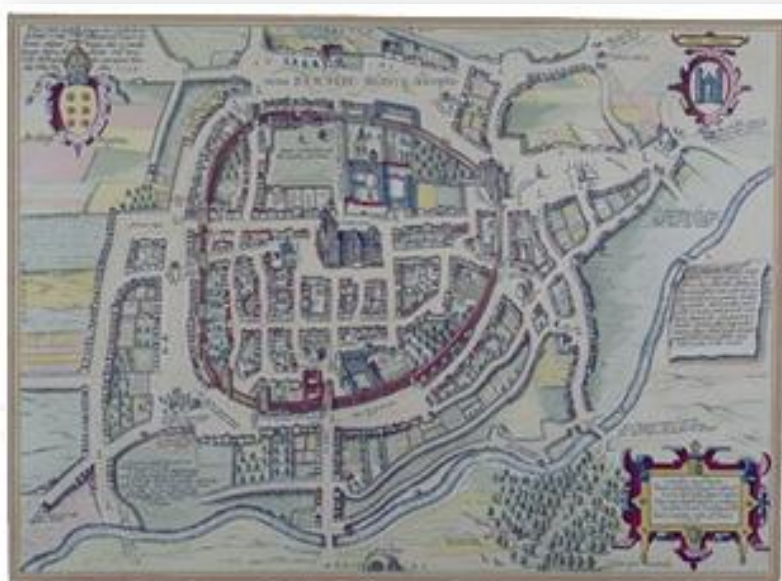
Dezembro 2014

Na Península Ibérica a cultura indígena conseguiu perdurar para além da romanização e das invasões dos povos germânicos a partir do séc. V.

Em pleno século VI muitos camponeses da diocese de Braga ainda celebravam os dias de Marte, de Mercúrio, de Vénus, de Saturno.

(COELHO, 2010: 84)

Em geral, a cidade capital romana, a *civitas*, estabelecia-se num aglomerado urbano já existente. No entanto *Bracara Augusta* é uma exceção pois é um *oppidium latinium*, ou seja, uma cidade de cidadãos romanos.



Mapa Braga na Alta Idade Média (<http://www.geira.pt/bracara/historialnv.html>)

Já *Aeminium* e *Conimbriga* eram *oppidium stipendiarium*, designação dada às cidades indígenas que, não possuindo cidadãos romanos, estavam obrigadas a uma tributação.

No início do séc. IV, Diocleciano procedeu a uma reorganização do sistema de impostos e da sua cobrança, baseada numa avaliação da terra e da força de trabalho.

Dezembro 2014

A terra media-se de acordo com a agricultura aí praticada e a produtividade esperada. A força de trabalho baseava-se na disponibilidade de mão-de-obra adulta para a trabalhar.

Na maioria dos casos, os impostos eram cobrados sob a forma de produção para proteger o sistema da inflação. Grande parte desta produção era usada para abastecer directamente o exército e todo o excedente era vendido à taxa corrente do mercado. Além disso, o pagamento aos soldados e aos funcionários públicos passou a basear-se grandemente nas rações de comida, forragem e outras mercadorias.

(GOLDSWORTHY, 2010: 217)

Esta reorganização do sistema de impostos e da sua cobrança aumentou significativamente o número de funcionários do governo imperial.

Um orador descreveu as hordas de funcionários subalternos como «mais numerosas do que moscas sobre as ovelhas na Primavera».

(GOLDSWORTHY, 2010: 211)

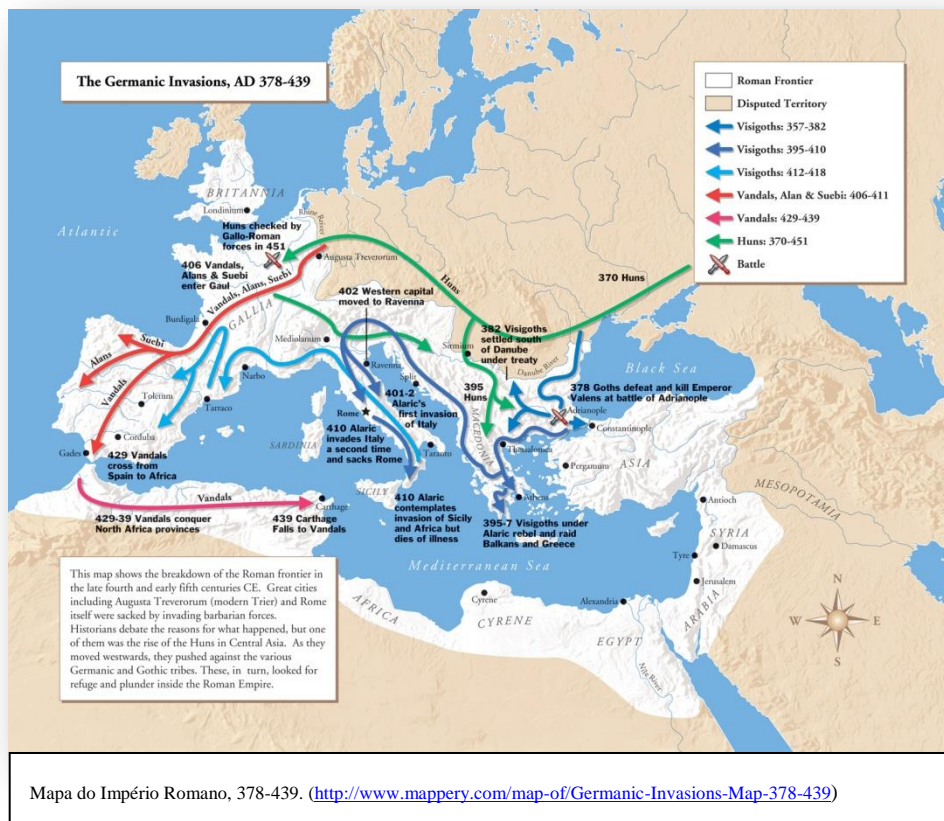
Em todo o Império, as reformas de Diocleciano e Constantino mais não fazem do que ir atrasando a derrocada económica e o declínio político e militar.

Impõe-se a todo o Império um rígido sistema fiscal, fiscalizam-se os preços na agricultura e na indústria, travados pelo edicto do «máximo», de 301. Estas medidas permitem a cobrança dos impostos indispensáveis e a sobrevivência do poder produtivo[...]. A actividade económica é fiscalizada pelo Estado; veículos e manufacturas[...] são considerados utilidades públicas e os homens ligados a elas hereditariamente. Esta dependência estende-se aos próprios cargos municipais[...]. A inflação continua, a despeito da

Dezembro 2014

cunhagem do *solidus* de ouro de Constantino, o *siliqua* de prata e o *miliarensis* de bronze. Quando a autoridade do Estado diminui, devido aos desastres militares[...] aumentam as contínuas infiltrações dos bárbaros. O Ocidente romano mantém-se ainda no período pré-medieval, em meados do séc. IV. Tudo desaparece em breve; fica apenas um sistema administrativo virtualmente vazio de conteúdo. Muitas cidades da Bretanha, Gália, Germânia, Espanha, são abandonadas no fim do séc. IV e durante o século V; muitas outras declinam e, na maior parte, ficam reduzidas a aldeias.

(BAUTIER, 1973: 15)



No séc. IV está já em declínio o período das grandes construções. A decadência progressiva do império romano, com as suas crises sócio-económicas,

Dezembro 2014

levantamentos nacionalistas e infiltrações bárbaras, vai contribuir para a alteração da fisionomia das cidades com a construção defensiva de muralhas.

Em relação ao exército, uma grande parte do exército de Teodósio era composta por guerreiros godos incorporados dos povos instalados em 382.

É neste contexto social, político e económico que Egéria, segundo muitos autores, terá partido desta região mais ocidental do Império Romano, a *Gallaecia*, em direção à Terra Santa, numa aventura arrojada e com uma particularidade invulgar: a escrita dum itinerário de viagem.⁷

1.2 Os concílios e as condenações das heresias na época de Egéria

Esta época de consolidação da Igreja que, segundo Irina Sventsitskaia, se torna numa organização capaz de apoiar ideologicamente os governantes do império, vai ser palco de vários concílios que irão assim validar os cânones estabelecidos e

⁷ Anterior ao *Itinerarium* de Egéria, só se conhece o de um peregrino de Bordéus, cerca de 50 anos antes (333) e que ficou conhecido como *Itinerarium Burdigalense Anni 333*. Cf. ARCE, Agustín, (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, BAC, pp.325-332 e também ARCE, (1979) “Quien fue el guía del Peregrino de Burdeos en Jerusalén”, in *Tierra Santa* 54 (pp.151-154). Este itinerário de 333, simples enumeração de etapas percorridas, passa a enriquecer a sua narração e descrição quando chega aos lugares sagrados, denotando a riqueza da carga simbólica que tais lugares provocavam a quem os visitava. “Si laconique que soit ce document, il témoigne pour la rupture que constitue dans le voyage du pèlerin l’arrivée aux Lieux saints: jusque-là simple énumération des étapes parcourues, il s’enrichit brusquement à Naplouse, avec le puits de Jacob et la tombe de Joseph, de l’évocation des sites vénérés, qui culmine à Jérusalem et lors de deux excursions menées, l’une au Jourdain et à la mer Morte, l’autre à Bethléem et Hébron.” (PIETRI, 1995: 601). Cf. também CARDOSO, José (1999), *Egéria Peregrinação aos Lugares Santos*, pág. 36, onde refere em nota de rodapé, os diferentes estudos acerca deste itinerário burdigalense e a existência de cinco códices, dos sécs. VIII, IX e X, em França, Alemanha, Itália e Espanha. Apesar de alguns estarem incompletos, o códice de Paris do sec. IX está completo e o de Madrid, do séc. X foi estudado por J. Garcia Villada, em 1925, por J. Leclercq em 1949, na Espanha Sacra e por J. Campos em 1956.

Dezembro 2014

condenar, como anátema e heresia, as reflexões teóricas e as práticas religiosas que não encaixassem nos referidos cânones.

No início do séc. IV realiza-se em Granada o primeiro concílio de que se tem conhecimento, o *Concílio de Elvira*⁸ ou *Iliberris*⁹, procedendo-se à determinação de sanções cujas faltas mais graves implicavam o afastamento ou a expulsão dos seus seguidores. Opunha-se assim uma sociedade tendencialmente “cristianizada” a uma sociedade com uma forte cultura autóctone e

com uma mentalidade cristã ainda pouco amadurecida e inserida num meio muito apegado a valores e costumes pagãos, romanos ou não.

(SIMÕES, 1989: 62)

Desta forma era excomungado ou expulso da Igreja quem casasse os filhos com hereges ou judeus, quem faltasse à Igreja ao Domingo e ainda quem comesse com judeus.

Também se constata, nos cânones saídos do concílio, que o homicídio é menos grave que a idolatria. Pretendia-se assim, combater e eliminar os cultos pagãos e as manifestações cristãs consideradas heresias, com o objetivo de consolidar a ortodoxia cristã que emergia desses concílios.

Goldsworthy refere que em 312, o Imperador Constantino, num gesto que de alguma forma pode ser classificado de supersticioso,

⁸ Cfr. VIVES, José, *Concílios Visigóticos e Hispano-Romanos* (1963), Barcelona-Madrid, Ed. CSIL

⁹ HUFFSTOT, Maria da Luz Velloso, (2008) *As Origens do Cristianismo na Lusitânia*, Lisboa, Ed. Univ. Lusíada, pág. 25. A autora escreve no seu livro que nos anos oitenta Jesus Suberbiola Martinez, “avança com a hipótese da colecção canónica de Iliberris não ser mais do que o resultado de uma série de concílios realizados ao longo do século IV.”

Dezembro 2014

ordenou aos seus homens que pintassem os escudos com um símbolo cristão[...]. Foi um gesto único que pretendia inspirar os seus homens com a crença de que eles tinham ajuda divina. (GOLDSWORTHY, 2010: 234)



O sonho de Constantino
(<http://blogoutrosolhos.blogspot.pt/2011/01/sonhos.html>)

Esta ordem do Imperador teve diversas interpretações. Segundo Goldsworthy, o relato mais antigo encontra-se em Lactâncio que diz que Constantino teve um sonho, na véspera da batalha em que o Deus cristão lhe manda agir assim. Outra versão tem a ver com o seu biógrafo Eusébio ao afirmar que

o próprio imperador tinha falado dum presságio anterior, quando ele e o seu exército olharam para o sol do meio-dia e viram o símbolo de uma cruz com as palavras em latim[...]<neste sinal conquistarás»[...]. Naquela noite Jesus surgiu diante dele num sonho e explicou-lhe que a utilização do símbolo lhe traria a vitória. (GOLDSWORTHY, 2010: 235)

O uso da força militar por Constantino, para controlar o Império, traduziu-se num cristianismo “césaropapista” como nova igreja autoritária e hegemónica, tentando contudo recuperar muitos pagãos e outros homens sem qualquer crença específica.

Dezembro 2014

Consta que Constantino, após a sua conversão, terá estudado as escrituras e tinha em conta as decisões dos chefes da Igreja:

É impressionante a preocupação de Constantino desde o início em mostrar que os bispos eram independentes e que respeitava as decisões dos líderes da Igreja. A sua fé é frequentemente medida em relação a um ideal rigoroso e rígido o que[...]o torna[...]implacavelmente hostil a todos os outros sistemas de crença[...]. O maior projecto de Constantino foi a conversão da cidade de Bizâncio na grande metrópole de Constantinopla. (GOLDSWORTHY, 2010: 238 a 240)

Constantino apoiou o cristianismo numa aliança essencialmente política, tendo sido a partir do seu reinado que este se veio a tornar gradualmente a igreja dominante. É também durante o seu reinado que o sétimo dia da semana se declara feriado e que os cristãos o vão dedicar a Cristo.

Em relação à influência do cristianismo nas províncias ocidentais, como a *Callaecia*, sabe-se muito pouco. Segundo Goldsworthy, nessa época havia um maior conhecimento sobre as igrejas das províncias orientais, incluindo o Egipto e também norte de África e Roma, do que sobre a atividade cristã das províncias ocidentais.

Nesta zona ocidental, a mais ocidental do império romano, o impacto do cristianismo autoritário e hegemónico de Constantino, foi mais tardio. Seria um erro falar de uma Igreja única pois havia muitas comunidades cristãs, eivadas de influências várias, com as suas origens, as suas práticas e a sua doutrina.

Dezembro 2014

Maria da Luz Huffstot, ao analisar as fontes narrativas sobre as origens do cristianismo, sublinha que é a partir do Édito de Milão em 313, com Constantino, que a união entre a romanização e o cristianismo passa a ser mais evidente.

Esta união vai sendo depois reforçada com o primeiro concílio ecuménico de Niceia em 325 e com o Édito de Tessalónica, ou dos três Imperadores, realizado em 380 e que elege o catolicismo como a religião oficial do império, preparando o terreno para o Édito de Constantinopla, um ano depois, em 381.

É neste segundo concílio ecuménico, em 381, que o Imperador Teodósio decreta oficialmente em todo o mundo romano, o cristianismo católico como religião única e exclusiva, não sendo permitida a liberdade de culto. Fazem-se perseguições e massacres aos que não comungavam desse cristianismo autoritário, exclusivo, dogmático e que resultava de vários concílios. Ficam assim abolidas todas as práticas pagãs e proibidos os cultos politeístas, perseguindo-se e castigando-se quem os pratique.

É também nesse concílio que a doutrina definitiva acerca da Trindade (unidade de Deus em três pessoas) vai prevalecer, reafirmando-se assim o Credo de Niceia. Teodósio vai ainda mais longe, fazendo

beneficiar o cristianismo de múltiplos privilégios fiscais e judiciais. Os bens confiscados dos templos pagãos foram para as igrejas que, ajudadas pelas forças imperiais, se tornaram por vezes demasiado ricas.

(PIERRARD, 1992: 49)

Dezembro 2014

Impôs-se assim uma visão “césaropapista”, na tentativa de eliminar o paganismo, o judaísmo e as múltiplas correntes cristãs que foram sendo consideradas heréticas.

Mas a exclusividade desta igreja canónica e autoritária não se consolidou de uma só vez. Foi-se institucionalizando num percurso acidentado de avanços e recuos, com a sucessão de múltiplos imperadores com posturas doutrinárias diversas, ao longo da história da Igreja.

Durante o séc. IV, os movimentos cristãos considerados heréticos tiveram várias orientações.

Iremos fazer uma breve análise de alguns desses movimentos, nomeadamente o Donatismo, Arianismo, Pelagianismo e Priscilianismo. Estes foram alguns dos mais marcantes e conhecidos movimentos heréticos do séc. IV com repercussões assinaláveis nesta região ocidental do Império, sobretudo o Priscilianismo.

O próprio Prisciliano vai ser condenado à morte na época em que Egéria termina o seu relato, c. 384, sendo decapitado em 385 em Tréveris.

A caracterização destes movimentos, na época em que Egéria viveu, ajudar-nos-á a construir uma imagem mais completa e complexa da sociedade, do ponto de vista social, cultural e religioso.

Dezembro 2014



Donato (<https://www.google.pt/search?q=donato+numídia+312>)

- *O Donatismo*

Liderado por Donato de Casa Negra, ou Donato o Magno, o donatismo surge em África cerca de 312.

Teve na sua origem a consagração de Ceciliano, como Arcebispo de Cartago, pelo Bispo Félix de Aptonge, considerado traidor.

A doutrina donatista baseava-se sobretudo em dois princípios:

1. Os bispos e padres prevaricadores assim como todos os fiéis que continuassem em comunhão com eles deveriam ser expulsos da Igreja;
2. Fora da verdadeira Igreja os sacramentos não eram válidos; (CRISTIANI, 1962: 28)

Estes princípios vão ser condenados em vários concílios mas é só com Agostinho de Hipona, depois do concílio de Cartago, em 411, que a heresia tende a desaparecer. Nesse concílio estabeleceu-se, em contraponto aos princípios acima referidos, que:

1. Não se sai da Igreja pelo pecado, mesmo que seja mortal e público, mas somente pela apostasia da fé;

Dezembro 2014

2. Para a validade do sacramento, não se exige o estado de graça no ministro do sacramento.

(CRISTIANI, 1962: 29)

Daniel-Rops, na sua obra *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*¹⁰, caracteriza este movimento e traça o perfil da personalidade de Donato que pretendia criar uma igreja de África autónoma do poder de Roma.

Tanto ele como os seus discípulos afirmavam que a Igreja é – antes de tudo e exclusivamente – a sociedade dos justos e não qualquer outra coisa. Em 313 o cisma estava consumado e a heresia ganhava terreno. Em 314 reuniu-se em Arles um segundo concílio no qual foi condenada, expressamente, a prática do «rebaptismo». Como a Numídia cismática continuasse com os seus ataques e protestos, Constantino, em Novembro de 316 dá ordem aos seus funcionários para que apoiem Ceciliano. Os donatistas apregoam por toda a parte que Constantino fora enganado e que a sua ordem não tem validade. Por fim o Imperador resolve-se a empregar a força. As basílicas tomadas pelos cismáticos foram restituídas aos católicos, à força e não sem que houvesse pancadaria. Um bispo donatista e alguns dos seus apoiantes foram assassinados, o que deu lugar a que a seita gritasse bem alto que só ela tinha mártires. Em 321, Constantino tentou restabelecer a paz na África. Foi publicado um édito que permitia que os cismáticos continuassem a existir. Nesta ocasião o donatismo estava já constituído em verdadeira contra-igreja, com os seus bispos e comunidades. Seja como for, a verdade é que o donatismo sobreviveu. Perseguido em 347, no tempo do imperador Constante, filho e segundo sucessor de Constantino, tolerada e estimulada por Juliano o Apóstata, reaparecerá em 362 em todos os incidentes contra as autoridades romanas onde serão lidos panfletos

¹⁰ Cfr. DANIEL-ROPS (1956) *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires* (Trad. Prof. Eduardo Pinheiro), Porto, Livraria Tavares Martins, pp. 529-532

Dezembro 2014

de Macróbio contra os Papas e Imperadores, acusando-os de não aderirem às teses de «Donato o Grande». Será apenas cerca do ano 400 que o cisma se desconjuntará graças a Santo Agostinho. (DANIEL-ROPS, 1956: 529 a 532)



Arius (<http://history-christian-church.blogspot.pt/p/arian-controversy.html>)

- *O Arianismo*

Liderado por Ário, um padre de Alexandria, surge em 318 um conflito doutrinal na paróquia de Baucalis, entre Ário e o bispo Alexandre. Este, não conseguindo dissuadir Ário da sua doutrina, que afirmava que o Filho era uma criatura e por isso não era Deus como o Pai, reúne um Concílio, por volta dos anos 320-321, com cerca de cem bispos do Egito e da Líbia. Ário é condenado e refugia-se na Palestina e na Ásia. Considerado herege é novamente condenado em 325, no Concílio de Niceia, sob a égide de Constantino e com a influência de Atanásio, principal teólogo do bispo de Alexandria, de onde Ário era originário.

Nesse concílio elabora-se o Credo de Niceia que afirmava que o Filho era da essência divina do Pai e por isso “consustancial” ao Pai. Dos 300 bispos presentes só dois não concordaram com esta formulação e por isso foram também exilados, tal como Ário que já tinha cerca de 70 anos. Mais tarde, em 330, Ário faz uma confissão

Dezembro 2014

de fé e volta do exílio, ficando o arianismo numa certa dissimulação. Ário morre, com 80 anos, por volta de 336.

Entretanto, no Concílio de Tiro em 335, Atanásio, que se tornara bispo de Alexandria, é acusado de ser herege e exila-se em Tréveris.

Em 337 Constantino morre. E em 346 Atanásio volta a Alexandria depois de ter sido completamente reabilitado, com a colaboração do Papa Júlio I, representado pelo bispo Ósio de Córdova, no concílio de Sárdica, em 343, quando Constante era imperador do Ocidente. Constante é assassinado em 350 e Constâncio passa a ser o único imperador.

É assim que, do ano 351 a 359, se vão elaborar em Sirmio¹¹, na presença do único imperador, Constâncio, quatro fórmulas de fé:

A primeira fórmula de Sirmio, [em 351] redigida sob a influência de Basílio de Ancira, é semi-ariana, mas poderia ser interpretada de modo ortodoxo. A segunda denota a influência passageira dos *Anomeanos*. É de 357, seis anos posterior à precedente. [Em] 358, Basílio [de Ancira fez com que] o Imperador admitisse a terceira fórmula, na qual não se encontraria mais o termo ortodoxo *consubstancial*, decretado em Niceia, mas que poderia ser entendida de maneira católica[...]. Em 359, a quarta fórmula de Sirmio, declarando o *Verbo semelhante ao Pai*[...] foi assinada pelos *anomeanos* e pelo próprio Basílio de Ancira. O Imperador [quis] que essa quarta fórmula fosse assinada por todos os bispos do Império.

¹¹ Cristiani considera que as fórmulas de Sirmio, escritas entre 351 e 359, revelavam as divergências que se viviam na altura, configurando algumas variedades do arianismo: “*Os semi-arianos dizem semelhante em substância – homoiousios em grego, em lugar de homoousios, usado por Atanásio.*” Os “*arianos puros*”, que se encontravam no pólo oposto dos semi-arianos, “*afirmavam que o Verbo era dissemelhante – anomoios – do Pai. São conhecidos por Anomeanos... Entre os dois grupos havia... Acácio de Cesareia. Segundo ele deveria-se dizer simplesmente que o Verbo era semelhante – omoios – ao Pai, sem precisar que era semelhante em substância...Teoria dos Homeanos.*” Cf. CRISTIANI, Monsenhor, (1962), *Breve História das Heresias*, Ed. Flamboyant, S. Paulo, pp.21-22

Dezembro 2014

Para isso convocou dois concílios, um em Selêucia, para o Oriente, outro em Rimini, para o Ocidente, em 359[...]. A fórmula chamada *Homeana*, assinada em Rimini, também o foi em Selêucia[...]. Em 360, os *homeanos* [condenam], no concílio de Constantinopla[...] os termos *consustancial* (ortodoxo), *semelhante em substância* (Basílio de Ancira, semi-ariano), e *dissemelhante* (ariano puro). (CRISTIANI, 1962: 23)

Após a morte do imperador Constâncio, em 361, sucede-lhe o sobrinho, o imperador Juliano, a quem chamavam o *Apóstata*. Juliano tenta reativar o paganismo mas morre 2 anos depois, em 363.

Dos vários imperadores que se seguiram, Joviniano, Valentiniano, Graciano e Teodósio, só o irmão do imperador Valentiniano I, Valente, foi um defensor do arianismo, na Igreja do Oriente.

Vai ser em 381, no concílio de Constantinopla com Teodósio como imperador, que se vão reafirmar as decisões de Niceia tornando o cristianismo na religião oficial do império, como já referimos, e condenando-se todas as heresias. No entanto, o Arianismo iria persistir ainda até ao séc. VII, depois das invasões bárbaras.



Pelágio (<http://cleofas.com.br/pelagianismo-sec-v>)

- O Pelagianismo

Dezembro 2014

Movimento liderado por Pelágio. Pelágio terá nascido na Britânia cerca do ano 354. Era um homem de talento, grande orador, escritor e exegeta.

Estava ligado às doutrinas de Ambrósio, da Escola de Antioquia, de pendor aristotélico e pretendia combater a superficialidade da religião cristã que crescia com a conversão do mundo pagão. Escreveu várias obras, nomeadamente *Da Natureza e Do Livre Arbítrio*.

Segundo Cristian,

Pelágio era, antes de tudo, moralista, severo e intransigente[...]. Pregava o desprendimento das riquezas, a prática dos conselhos evangélicos de pobreza e castidade em todo o seu rigor e[...] insiste nas sanções eternas dos nossos actos: céu e inferno.

(CRISTIAN, 1962: 31)

A sua filosofia valorizava o livre-arbítrio como forma de salvação do homem. O ascetismo e rigor moral que praticava, aliados à capacidade de cativar quem o ouvia, fizeram com que o seu movimento tivesse muito seguidores. Esta situação encontrava forte resistência na ortodoxia da igreja que se vinha consolidando valorizando o “ideal da graça”. O homem dependia do espírito santo para ser salvo pois trazia consigo o pecado original. Para Pelágio o pecado de Adão é só dele e não se herda. Cabe ao homem decidir e escolher o caminho a seguir.

Pelágio nega o pecado original considerando ser impossível que

a alma imediatamente criada por Deus traga consigo um pecado que não cometeu.

(CRISTIAN, 1962: 31)

Dezembro 2014

O “livre-arbítrio”, isto é, a capacidade que o homem tem para escolher entre o bem e o mal, liberdade que o tornava de certa forma “independente”, duma herança divina que trazia consigo o pecado original como matriz fundadora, era um dos fundamentos do Pelagianismo. Tal posição era contrária aos dogmas duma Igreja que vinculava o homem, submetendo-o aos desígnios já não dos deuses mas do Deus único.

Apesar da condenação do seu movimento, Pelágio pregou até 410, data em que Roma foi saqueada pelos Visigodos conduzidos por Alarico. Conseguiu fugir para o norte de África e depois para a Palestina, onde terá morrido.



Prisciliano(<http://blogs.hoy.es/extremadurasecreta/2013/06/10/prisciliano>)

- O Priscilianismo.¹²

¹² Em relação ao priscilianismo há vários aspetos que são coincidentes com o objeto deste trabalho:

. A região onde se origina o movimento priscilianista: a Gallaecia, região donde terá também partido Egéria para a sua viagem ao Oriente;

. A data em que ele surge e em que Prisciliano é condenado à morte (370-384). Egéria terá partido da Gallaecia no momento em que o priscilianismo estava em expansão nesta região ocidental do império romano. O seu Itinerário, embora lhe falte a parte final, termina no ano em que Prisciliano é condenado à morte, sendo decapitado em Tréveris. A última frase que Egéria escreve às senhoras a quem se dirige, relaciona-se com a morte:

“Vós, senhoras, minha luz, dignai-vos ao menos lembrar-vos de mim, esteja eu no meu corpo ou já fora do meu corpo.” (MARIANO, 1999: 171 – 23.10)

. O priscilianismo defendia a participação das mulheres em pé de igualdade com os homens, que se reuniam para estudarem os textos sagrados e participarem nos rituais praticados pelos priscilianistas. Egéria parece pertencer a uma comunidade feminina a quem dirige o seu manuscrito. Revela, ao longo da sua viagem, a

Dezembro 2014

É na Gallaecia que o movimento liderado por Prisciliano surge, a partir de 370. Este movimento vai ter repercussões que ultrapassam a região do Noroeste Peninsular, chegando a África e às ilhas Baleares, nomeadamente Minorca.¹³

A história do movimento priscilianista, ocorrida entre o século IV e o VI, teve implicações em quase toda a Tarraconense, em África e até nas Baleares. Com efeito, o recente aparecimento da correspondência trocada entre Santo Agostinho e Consêncio[...] veio alterar cronológica e geograficamente a amplitude do movimento priscilianista durante os séculos V e VI.

(SIMÕES, 2002: 85)

Prisciliano nasceu por volta de 345.

Apesar da incerteza sobre a sua origem¹⁴ vários autores referem a *Gallaecia* como a sua terra natal. Também não existem muitos dados sobre a sua vida antes de se

necessidade de estudar e aprofundar os textos sagrados através da Bíblia que levava sempre consigo, vivenciando-os nos lugares em que as histórias contadas aconteceram.

. O respeito pelos ideais de ascetismo e pobreza voluntária são valores fundamentais neste movimento, tal como acontecia com os anacoretas e os padres do deserto com quem Egéria contacta no Oriente.

. Finalmente a origem oriental que está na base do priscilianismo e a busca que Egéria faz rumo ao Oriente para se impregnar das fontes primitivas onde o cristianismo bebeu e das fontes que ele próprio originou. A leitura de textos não canónicos como por exemplo a carta do Rei Abgar a Jesus e a resposta de Jesus a Abgar, é um fator pertinente nas possíveis coincidências com o movimento priscilianista que estudava também textos considerados apócrifos.

Foram estes alguns dos fatores que nos levaram a dar uma maior atenção ao priscilianismo, embora não possamos concluir que Egéria fizesse parte deste movimento ou que com ele mantivesse qualquer elo de ligação. O que podemos registar são estas aproximações cronológicas, filosóficas e de princípios que aqui abordamos.

¹³ Margarida Barahona Simões refere a descoberta de várias cartas por J. Divjak, entre as quais uma de Consêncio a Agostinho, de 418-419, relatando acontecimentos que envolviam priscilianistas. Segundo Jules Wankenne, Consêncio vivia na ilha Minorca, Baleares. Cfr. SIMÕES, Margarida Barahona, (2002) *Prisciliano e as Tensões Religiosas do séc. IV*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, pp. 85-86.

¹⁴ “Diversos estudiosos debruçaram-se sobre este assunto, apontando ou a Galiza, ou a Lusitânia e a Bética, ou até a Meseta como sua terra natal.” Cfr. SIMÕES, Margarida Barahona, (2002) *Prisciliano e as Tensões Religiosas do Séc. IV*, Lisboa, Univ. Lusíada Ed. pp. 128-129; LEYRA DOMÍNGUEZ, Xosé, (1997) *Xacobe e Prisciliano*, Vigo, Ed. Ir Indo, pp. 155-160

Dezembro 2014

tornar bispo de Ávila¹⁵. Xosé Leyra Domínguez refere que Sulpício Severo escreveu, na sua obra *Chronicorum Libri duo* ou *História Sagrada*, em 403, que Prisciliano era de

família nobre, de grandes riquezas, afouto, fecundo, erudito, moi exercitado na declamación e na disputa, feliz certamente de non arredar as súas grandes condicións da alma e do corpo doutras alleas. Era home que velaba moito, era sufridor da fame e da sede, nada cobizoso e sumamente parco. Mais con estas calidades non era alleo a unha gran vaidade, sostido pola súa falsa e profana ciencia, posto que exercera as artes máxicas dende a súa xuventude.

(LEYRA DOMÍNGUEZ, 1997: 158-159)

Sobre a personalidade de Prisciliano, descrita por Sulpício Severo como homem inteligente, astuto, com capacidade para cativar quem o ouvia devido ao seu discurso eloquente e erudito e também com qualidades físicas para se aguentar sem comer nem beber durante muito tempo, parece haver concordância nos diferentes autores que ao longo de vários séculos continuam a citá-lo.

Em relação à sua formação sabe-se que estudou na universidade de Bordéus tendo sido discípulo do retórico Delfídio e do poeta Ausónio. A sua formação é jurídica e astrológica.

Prisciliano era um seguidor das doutrinas de Elpídio e Agape, sua mulher. Idácio, inimigo de Prisciliano, afirma terem sido estes os seus mestres na iniciação ao gnosticismo¹⁶. Por sua vez, S. Jerónimo¹⁷ afirma que Prisciliano aprendeu as artes

¹⁵ Xosé Leyra Domínguez refere que o autor francês Babut (BABUT, Ernest-Charles, *Priscilien et le Priscillianisme*, Paris, 1909) defende a origem lusitana de Prisciliano: “Babut dinos que certos indícios fan supoñer que era lusitano.” (pág. 155)

¹⁶ Sobre o Priscilianismo, o gnosticismo, o maniqueísmo e outras correntes ligadas a este movimento, cfr. SIMÕES, Margarida Barahona, (2002) *Prisciliano e as tensões Religiosas do Séc. IV*, Lisboa, Univ. Lusíada Ed., onde se encontra uma extensa referência bibliográfica sobre estes movimentos e se faz uma

Dezembro 2014

mágicas nas leituras de Zoroastro e de Mago, embora Itácio, um adversário de Prisciliano, refira que a aprendizagem destas correntes que eram muito valorizadas no cristianismo primitivo, tenha sido feita através de Marco de Menfis, discípulo direto de Manés, de quem aprendeu a magia e o maniqueísmo.

Sabe-se que Prisciliano pretendia, através do ascetismo, da pobreza voluntária, da participação das mulheres, da exegese dos evangelhos apócrifos e canónicos, duma liturgia com cantos e danças, etc., devolver à igreja a sua simplicidade e a expressão dum cristianismo plural de que o cristianismo hispânico do séc. IV era testemunha.

Este ascetismo priscilianista, de carácter tão rigoroso, foi uma campanha de alarme para a hierarquia da igreja instituída que, usufruindo das regalias dum poder que ela própria partilhava, se sentiu ameaçada combatendo o priscilianismo e os seus principais mentores, até à morte. Foram assim realizados vários concílios.

Vejam os alguns dos cânones saídos do Concílio de *Caesaraugusta* que terá decorrido no outono de 380: denuncia os perigos da convivência de mulheres e homens que não sejam casados, proibindo reuniões mistas de todo o tipo, condena a convivência de grupos formados especialmente para ensinar e aprender, proibindo a atribuição do título de doutor a quem não o tenha recebido de forma canónica,

análise detalhada da sua complexidade; BLÁSQUEZ MARTINEZ, José Maria, (2005) *Prisciliano, introductor del ascetismo em Hispania, Las fuentes. Estudio de la investigacione moderna; Prisciliano, Introductor del ascetismo em Gallaecia; Prisciliano. Estado de la cuestión*, Alicante, Ed. Digital da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Série Hispania Romana, Estudios, com referência às edições originais; CHAO REGO, Xosé, (1999) *Prisciliano Profeta contra o poder*, Vigo, Ed. A Nosa Terra; PÉREZ PRIETO, Victorino, (2010) *Prisciliano na Cultura Galega – Un Símbolo Necesario*, Vigo, Ed. Galaxia; LEYRA DOMÍNGUEZ, Xosé, (1997) *Xacobe e Prisciliano*, Vigo, Ed. Ir Indo; TERÁN FIERRO, Daniel, (1985) *Prisciliano Mártir Apócrifo*, Madrid, Ed. Breogan; MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino, (1986) *Historia de los Heterodoxos Españoles I*, Madrid, Ed. BAC, pp. 79-220

¹⁷ As fontes que BLÁSQUEZ MARTINEZ cita são a *Epist. CXXX, 3, 4* de S. Jerónimo e *De vir. II., 15*, de Isidoro. Em relação à ligação de Prisciliano a Marcos de Menfis, para Chadwick essa afirmação tem origem num escritor hostil a Prisciliano. Cfr. BLÁSQUEZ MARTINEZ, José Maria, (2005) *Prisciliano, introductor del ascetismo em Hispania, Las fuentes. Estudio de la investigacione moderna*, pp. 69-70

Dezembro 2014

condena quem fizer jejum ao domingo, quem faltar à celebração da epifania na igreja para se recolher em casa, subir aos montes ou andar descalço, sob pena de excomunhão, condena os clérigos que se queiram tornar monges com o intuito de se aperfeiçoarem, devendo ser expulsos da igreja e não voltarem a ser readmitidos em nenhuma comunidade.

O resultado deste concílio ilustra bem o “transtorno” que determinados movimentos colocavam a uma igreja que se queria impôr como única e exclusiva, através de uma hierarquia de poderes políticos e uma institucionalização que cerceava a espontaneidade das populações, as suas origens e tradições ancestrais. O movimento priscilianista que crescia na Gallaecia e começava a ter repercussões geográficas muito mais vastas do que esta região, vai-se tornar no alvo a abater.

Em 381 Prisciliano torna-se bispo de Ávila, sem que o processo acautelasse os trâmites canónicos instaurados pela ortodoxia. Somente dois bispos, os presbíteros e o povo presidiram a esta cerimónia que Menéndez y Pelayo descreve assim:

Si fue electo por el clero y el pueblo, único modo de nombramiento episcopal conocido en su tiempo, y no fue intruso en iglesia que tuviese ya legítimo pastor (lo qual en ninguna parte consta), tan obispo fue como cualquier otro.

(MENÉNDEZ Y PELAYO, 1978: 188)

Este ato de consagração de Prisciliano como Bispo de Ávila, ao não seguir a regra dos 3 bispos em que um teria de ser metropolitano vai, segundo alguns autores, despertar sentimentos de concorrência com o poder eclesiástico, nomeadamente em Itácio e Idácio, valendo-se de todas as suspeitas para o condenar.

Dezembro 2014

Prisciliano vai ser acusado de libertinagem sexual, de ter no seu movimento mulheres que eram conduzidas por um asceta, situação inédita no ascetismo, de práticas mágicas ou astrológicas, secretismo nas cerimónias, orar descalço, utilizar os apócrifos no ensino da doutrina cristã, ter uma teoria herética sobre a Trindade, aceitar o dualismo maniqueu e ensinar o gnosticismo, entre outras acusações.

Escreve ao papa Dâmaso, refutando as acusações de que é alvo mas, em 385, é condenado à morte em Tréveris, juntamente com Eucrécia,¹⁸ o poeta Latroniano e os clérigos Felicíssimo e Arménio. O seu movimento perdurou depois da sua morte, até ao séc. V com as invasões bárbaras.

Morreria oíndo un canto ancestral en horizonte de cumes verdecentes, ou de praias douradas engastadas no pétreo corazón da terra nai.

(OTERO PEDRAYO, 1982: 76)

1.3 Quem era Egéria?

Em rigor, pouco se sabe acerca da vida de Egéria. Onde e quando nasceu, quem era a sua família, o que fazia e onde e quando morreu são perguntas para as quais o manuscrito de Arezzo não pode dar respostas definitivas e devidamente fundamentadas. Se algum dia se encontrar o manuscrito completo¹⁹, talvez estas interrogações encontrem resposta. Até lá podem-se esboçar alguns contornos.

¹⁸ Eucrécia era a viúva de Delfídio (professor de Prisciliano em Bordéus) e mãe de Prócula de quem Prisciliano foi companheiro. Prócula acompanhou Prisciliano na viagem de Bordéus a Milão e depois a Roma onde escreve a carta, *Liber ad Damasum Episcopum*, dirigida ao Papa Dâmaso.

¹⁹ Em 1999 foi publicado *O Evangelho Secreto da Virgem Maria* de Santiago Martín, Ed. Paulus, que foi traduzido para português e cuja publicação já vai na 4ª edição, Novº 2001. Este sacerdote católico, na

Dezembro 2014

Gamurrini²⁰ descobriu o manuscrito, que hoje está classificado como *Codex Aretinus 405* na Biblioteca Città di Arezzo, em 1883²¹ e publicou-o em 1887 com título de *S. Silviae Aquitanae Peregrinatio ad Loca Sancta*. Nessa publicação, Gamurrini refere que o seu autor era uma mulher chamada Sílvia. Gamurrini não conhecia a carta de Valério²², do séc. VII, abade da região de El Bierzo e autor de vários livros e tratados. Valério escreveu aos monges de El Bierzo uma carta, endereçada ao seu amigo Donadeus, *Epistola de Beatissimae Echeriae laude*, sobre Egéria, da qual existem atualmente cinco códices.²³

C - O códice visigótico do Mosteiro de Carracedo, em El Bierzo;

introdução, fala no manuscrito de Arezzo para nos revelar que existe um outro manuscrito completo, em Espanha, descoberto por um amigo seu, de Oviedo, a quem vai chamar de D. Inácio. Segundo este autor, Egéria teria chegado à Gallaecia em 407 e o seu mosteiro teria sido destruído na invasão dos bárbaros, não se sabendo onde ela morreu. Mas o manuscrito encontrado em Oviedo por D. Inácio, depois de traduzidos os dois “capítulos que se encontravam no texto asturiano e que estavam destruídos no texto de Arezzo”, deixou-os estupefactos com a referência que Egéria faz no primeiro capítulo em relação “ao que ia fazer no último capítulo da sua obra, pois não tinha a certeza de que se tratasse[...] de uma obra ortodoxa, em vez de um texto proveniente de um desvio herético[...] Tratava-se do Evangelho Apócrifo da Virgem Maria. Egéria, na introdução que faz ao apócrifo mariano explica os seus receios[...] e não duvida em afirmar que a sua leitura se tinha tornado para ela de grande proveito espiritual, pelo que se atrevia a incluí-lo como um apêndice no seu *Itinerarium*.” (SANTIAGO MARTÍN, 2001: 13-14). Apesar de, na nota final, o autor afirmar que o conteúdo do seu livro é uma composição literária, quisemos clarificar o que isso significava e tentamos contactar o referido autor, embora até à data não nos tenha sido possível obter qualquer resposta. Também não conseguimos desvendar quem seria o amigo “D. Inácio” quando estivemos na Biblioteca da Universidade de Oviedo, em Agosto deste ano, em busca de pistas sobre a veracidade dos factos relatados nesta obra. Continua assim, em aberto, esta investigação.

²⁰ Sobre a vida e obra de Gamurrini, Cfr. PATURZO, Franco, *Un archeologo dimenticato: G. F. Gamurrini*, Cortona, 1993. Quando estivemos em Arezzo, em Julho de 2014, ao perguntarmos por este autor, Franco Paturzo, informaram-nos que tinha falecido num acidente em Setembro de 2013, com 53 anos de idade. Deixamos aqui um voto de pesar pela sua morte e lamentamos não ter podido aprender diretamente com este historiador que também era musicólogo, área sobre a qual tínhamos intenção de o questionar, nomeadamente sobre o séc. IV e Egéria.

²¹ Franco Paturzo refere mais precisamente o dia 10 de Setembro de 1883 como a data da descoberta do manuscrito por Gamurrini, de acordo com as cartas entre Gamurrini e Giovan Battista de Rossi, que se conservam no Museu Arqueológico de Arezzo e que o autor cita na publicação que faz sobre a história do *Codex Aretinus 405*. Cfr. PATURZO, Franco, (1994) “Peregrinatio Egeriae: Storia del «Codex Aretinus 405»” in *Atti e memorie della Accademia Petrarca di Lettere, Arti e Scienze*, Ser. NS, Vol.56, pp. 301-310. Ver também http://manus.iccu.sbn.it/opac_SchedaScheda.php?ID=49095, para uma descrição pormenorizada do referido códice e do restauro de que foi alvo em 2013.

²² Sobre a vida e obra de Valério, Cf. FLÓREZ, E. (1787) *España Sagrada*, XV, Madrid, pp. 324-349

²³ Cf. ARCE, Agustín, (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, BAC, pp. 5-7

Dezembro 2014

E - O códice do **Escorial** de 954, escrito pelo notário Juan²⁴.

H – O códice de **Huerta**²⁵.

S – O códice do Mosteiro de S. Domingos de Silos, Burgos, do séc. XI.²⁶

T- O códice Toletanus, da catedral de Toledo, escrito em 902, para o abade Trasamundo.²⁷

O facto de faltarem ao manuscrito de Egéria as primeiras folhas, as últimas e duas folhas no meio, fez com que se especulasse acerca do verdadeiro nome da autora.



²⁴ Este códice foi oferecido a Filipe II no séc. XVI. Marius Ferotín, padre beneditino, vai publicá-lo, em 1903, classificando-o como *codex a II 9*. Cfr. FEROTÍN, M. (1903) “Le véritable auteur de la «Peregrinatio Silvae» – la vierge espagnole Ethéria” in *Revue des Questions Historiques*, Tome XXX (LXXIV de la Collection), pp. 375-397.

²⁵ A primeira edição deste códice foi publicada por Francisco Xavier Manuel de la Huerta y Vega em 1736.

²⁶ Este códice encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris

²⁷ Este códice encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid. Segundo Agustín Arce há outro códice na Biblioteca de Toledo, do séc. XII, que refere o nome de Ethéria enquanto o do séc. X que se encontra em Madrid já refere Egéria. Florez vai usar este códice, no séc. XVIII, para escrever uma nota biográfica sobre Egéria. Cf. FLÓREZ, E. (1787) *España Sagrada*, XV, Madrid, pp. 361a-364b

Dezembro 2014



Itinerário de Egéria, *Códice Aretino*, «MS 405», fotos gentilmente cedidas pela Biblioteca Città di Arezzo, Julho 2014.

Surgiram assim diferentes nomes dados a Egéria e vindos de diversos autores²⁸ como Gamurrini (Sílvia), C. Jarecki (Silviana), C. Köhler (Galla Placida), Nicolás Antonio (Eucheria), E. Bouvy, Wilmart, G. Morin e De Bruyne (Echeria).

Alguns destes autores não conheciam a carta de Valério.

Vai ser graças a essa carta e aos diferentes manuscritos que já referimos, que o nome de Egéria vai ser assumido como o da verdadeira autora do Itinerário.

Enrique Flórez, em 1787, na sua obra *España Sagrada*, provou que Egéria era a autora do Itinerário. Mais de um século depois, Férotin, em 1903, afirma que Silvia não é a autora do Itinerário, ao escrever *Le véritable auteur de la «Peregrinatio Silviae» la vierge espagnole Éthéria*. No entanto, Ferotin adota a forma Etéria e não Egéria assumindo que foi erro de um copista que a relacionou com a ninfa Egéria, divindade pagã.

²⁸ Cfr. ARCE, Agustin, (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, BAC, pp.18-21

Dezembro 2014

O seu nome assume assim várias formas nos diferentes manuscritos, mas

c'est Egerie qui est la mieux attestée, qui explique même les graphies différentes, et que la critique textuelle oblige à préférer.
(CHIRAT citado em ARCE, 1980: 21)

O nome de Egéria acabou por ser aceite pela maioria dos autores que trabalharam sobre a sua obra, nome que tem prevalecido como o da autora do Itinerário realizado entre 381-384 aos lugares santos.

Parecem estar assim dissipadas as dúvidas quanto ao seu nome, mesmo sem termos os elementos que faltam no manuscrito de Arezzo.

Em relação à terra natal de Egéria, vai ser novamente a carta de Valério que nos vai dar elementos para a situar na província da Gallaecia. Alguns autores situaram a sua pátria na Gália mas a referência a

huius occidue plage[...] *Que extremo occidui maris oceani litore exorta, Orienti facta est cognita*

(MARAVAL, DÍAZ Y DÍAZ, 2002: 336)

na carta de Valério e que Dyaz y Díaz traduz como

sur ce coin de l'occident[...]. Née aux bords les plus éloignés de l'océan occidental

(MARAVAL, DÍAZ Y DÍAZ, 2002: 337)

e Agustín Arce como

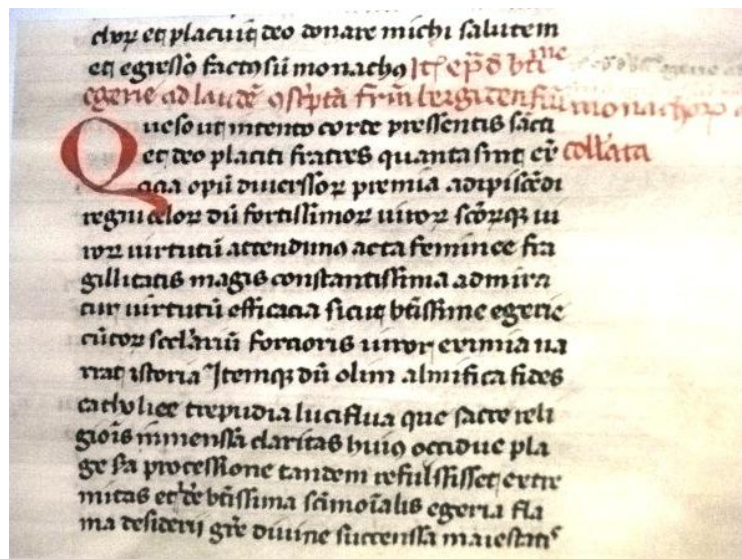
Dezembro 2014

la extremidad de esta región occidental[...]. Ella, nacida en el extremo litoral del mar Océano occidental, se dio a conocer al Oriente²⁹

(ARCE, 1980: 8-9)

transportam para a província da *Gallaecia*, no extremo ocidental do império romano, a origem de Egéria.

As várias referências ao Itinerário e à figura de Egéria, na carta de Valério, fazem supor que ele esteve diante de um manuscrito completo e registou alguns dos elementos mais fundamentais acerca da viagem que Egéria fez.



Cópia séc. XIII-XIV da carta de Valério – (FELICIANO NOVOA, 2003: 169)

No próprio itinerário se encontra também a receção calorosa e delicada do Bispo de Edessa, Eulógio, quando recebe Egéria de forma cordial e elogiosa:

19.5. O santo bispo desta cidade, homem verdadeiramente religioso, monge e confessor, recebeu-me cordialmente disse-me: «Porque

²⁹ Cf. ARCE, Agustin, (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, BAC, pp.8-9 e 14-15 (1, 9-11) e (4, 8-9)

Dezembro 2014

vejo que tu, filha, por motivos religiosos te impuseste o extremo esforço de vir das extremidades da terra a estes lugares, assim pois, se o desejas, mostrar-te-emos todos os lugares que aqui existem e que os cristãos sentem prazer em visitar.»

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 147)

Comparando o texto do Itinerário com a carta de Valério, encontramos referências que coincidem com a região geográfica de onde terá partido Egéria.

Née aux bords les plus éloignés de l’océan occidental, elle s’est fait connaitre à l’orient.

(MARAVAL, DÍAZ Y DÍAZ, 2002: 347)

Também Idácio, no *Chronicon*, e Isidoro, na história dos Godos, Vândalos e Suevos, utilizam expressões idênticas para caracterizar a província da *Gallaecia*.

Há outros autores que justificam que a *Gallaecia* é a pátria de Egéria, tendo como fundamento o tipo de latim que ela usou no Itinerário, como já tivemos a oportunidade de exemplificar no capítulo 1.1.

Para outros, a questão ainda está em aberto e só será verdadeiramente confirmada se se encontrarem as partes que faltam ao manuscrito e aí estiverem referidos esses dados.

Estas são algumas das limitações decorrentes do manuscrito estar incompleto, embora possa ser consensual, como já se disse, que Egéria teria partido da região da *Callaecia*.

Ao longo do texto, Egéria vai-nos dando informações, umas vezes de forma direta, outras indireta, sobre a sua maneira de ser e sobre alguns traços da sua personalidade. É curiosa, questiona os que a rodeiam acerca de assuntos que quer

Dezembro 2014

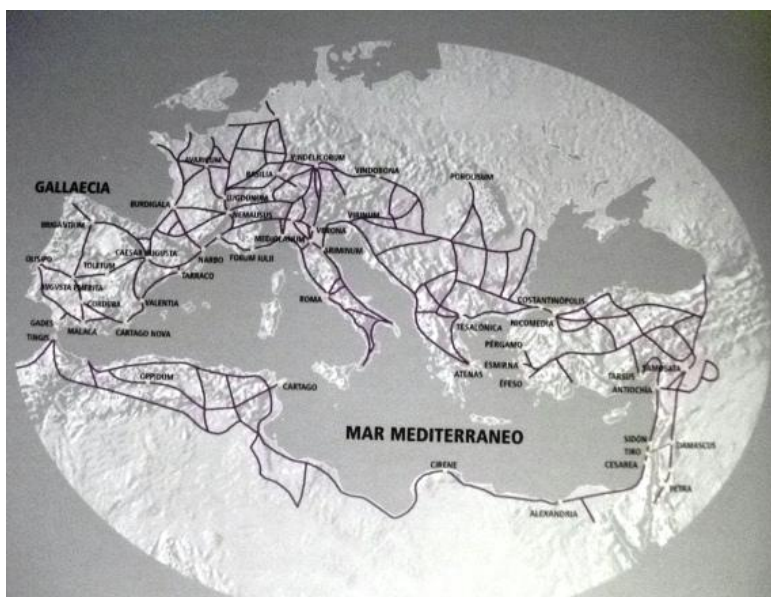
aprofundar ou clarificar, é metódica sem ser rígida pois está aberta a modificações que venham enriquecer a viagem em si e as experiências que ela pretende vivenciar nas viagens que faz. Aceita sugestões dos bispos, dos anacoretas, dos presbíteros e dos monges que a acompanham, participa com eles nos rituais, toma parte ativa ao ler trechos significativos em cada etapa, com a bíblia que leva sempre consigo, aprende novos vocábulos e novas línguas, como o grego.

Poderíamos ilustrar, com citações do Itinerário, os atributos referidos mas julgamos que, ao longo deste trabalho, as diferentes citações feitas, do texto traduzido, e que põe Egéria a falar na primeira pessoa, ajudarão a compreender melhor esta mulher que se aventurou numa longa viagem exterior para se descobrir numa viagem interior, materializada também pelo poder da palavra escrita.



Prováveis itinerários de Egéria, de Hispânia a Jerusalém (FELICIANO NOVOA, 2003: 82)

Dezembro 2014



Vias romanas da Hispânia a Jerusalém (FELICIANO NOVOA, 2003: 82)

2. A LITERATURA DE VIAGENS E O ITINERÁRIO DE EGÉRIA

*“Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!
Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E da ânsia de o conseguir!
Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.”*

(PESSOA, 1987: 109)

Tal como no poema de Fernando Pessoa, no séc. XX, também Egéria, no séc. IV, foi sendo “outra(s)” em busca do(s) “outro(s) que ia encontrando na sua demanda

Dezembro 2014

em terras longínquas e desconhecidas, numa época em que a viagem era uma aventura real e concreta, para a qual não se sabia nem quando, nem como se chegaria ao destino e se se voltaria ao ponto de partida. Com Egéria ficamos sem saber quando voltou e se voltou³⁰, e também se chegou a concretizar parte da viagem que aspirava fazer – ir a Éfeso, na Ásia, rezar no túmulo do apóstolo João. Uma das últimas coisas que sabemos do seu Itinerário é que regressou a Constantinopla, fazendo o mesmo percurso da ida – Monte Taurus, Capadócia, Galácia, Bitínia e Calcedónia. Atravessando o mar chegou a Constantinopla.

Assim, tendo como ponto de partida a viagem e considerando a importância dos relatos de viagem na construção da imagem de si próprio, do “outro” e das diferentes conceções sociais, económicas, políticas e culturais, optámos por abordar a viagem de Egéria realizada no séc. IV, por revelar uma característica inovadora, à semelhança do que mais tarde viria a acontecer nas viagens das descobertas: a aventura, no domínio do conhecimento *in loco*, numa tradição cultural que se estava a consolidar – o cristianismo – e também o confronto consigo própria numa busca individual de “comunhão com o Divino.”

Considerando a abordagem de Fernando Cristóvão sobre a Literatura de Viagens e a sua proposta tipológica como base teórica, propomo-nos averiguar se o Itinerário de Egéria se enquadra na referida abordagem, restringindo-se a um só tipo, viagem de peregrinação ou contendo também elementos de outros tipos de viagem (comércio, expansão, erudição-formação-saber e imaginária).

³⁰ Cfr. Nota 17, p. 35

Dezembro 2014

2.1 Dificuldades no enquadramento tipológico: Epístolas ou Literatura de Viagem?

O tema da literatura de viagens só recentemente se pôde classificar como um género de fronteira

(ROSMANINHO, 2010: 9)

ou ainda como um

subgénero literário[...] com individualidade semelhante à de outros subgéneros de estatuto reconhecido.

(CRISTOVÃO, 2002: 15)

Este reconhecimento tardio deve-se à natureza compósita e interdisciplinar de textos que intercetam diversos domínios como os da Literatura, História, Antropologia e outras áreas humanísticas.

Para Alexandra Mariano o texto de Egéria aproxima-se, em termos de estrutura, do registo epistolar ou para-epistolar dado que:

se enquadra em convenções que caracterizam este género literário e privilegia a relação com as destinatárias. As epístolas, quanto ao conteúdo, são textos compósitos, que abarcam um conjunto quase ilimitado de temas[...]. A linguagem e o estilo são também variados[...]. Egéria socorre-se de um estilo e linguagem que reflectem uma busca intencional de simplicidade e clareza discursiva, mas por vezes incorre na enumeração longa e detalhada, suscitada pela curiosidade e satisfação por estar a cumprir o sonho de ver os famosos lugares das Escrituras e pisar a terra sagrada de Israel.

(MARIANO, NASCIMENTO, 1998: 38-39)

Dezembro 2014

Para esta autora, o compromisso entre a epístola e a vertente diarística “diário-lettera”, que Veikko Väänänem³¹ vai assumir, não lhe parece adequado pois considera que no texto de Egéria

se privilegia claramente a componente de comunicação de vivências a outrem, que o termo «diário» à partida não sugere.

(MARIANO, NASCIMENTO, 1998: 38)

Esta perspetiva epistolar defendida por Alexandra Mariano vai encontrar fundamentos em Francisco Rodrigues Lobo³², um dos teorizadores da arte da epistolografia, quando descreve que uma carta deve usar de:

brevidade sem enfeite, clareza sem rodeios e propriedade sem metáforas nem translações[...]. Não[...] falem nas cartas epítetos necessários, mas que se escusem os sobejos[...] que será ir contra a brevidade sem enfeite ou afeitação[...]. A clareza é das razões e a brevidade das palavras[...]. Passando ao terceiro ponto que é a propriedade sem metáforas ou translações[...] é a propriedade das palavras na sua própria significação.

(LOBO, 1991: 92, 93 e 101)

No nosso entender, e apesar da dificuldade em catalogar definitivamente textos e autores devido a fatores subjetivos dependentes da evolução social e cultural, a abordagem de Fernando Cristóvão é aquela que mais se adequa à natureza intrínseca do Itinerário de Egéria.

³¹ VÄÄNÄNEM, Veikko «I due livelli del linguaggio orale nell’Itinerarium Egeriae», Atti del convegno internazionale, pp.159-165 (citado in MARIANO, 1998: 38)

³² Francisco Rodrigues Lobo descreve, na sua obra *A Corte na Aldeia*, de 1619, no *Diálogo III da maneira de escrever e da diferença nas cartas missivas*, as características imprescindíveis que uma carta deve ter. Cfr. LOBO, Francisco Rodrigues e CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas (Introdução e Notas) (1991) *Corte na Aldeia*, Lisboa, Ed. Presença.

Dezembro 2014

Fernando Cristovão, faz uma abordagem exaustiva e fundamentada, baseada nas inúmeras obras que tratam do tema da Viagem (real ou imaginária) e considera a literatura de viagens como um subgénero literário que conjuga na sua formulação

o modo como os textos foram recebidos pelos leitores e pelos outros integrantes da chamada instituição literária ao longo dos séculos, pouco coincidente com os juízos restritivos de uma literariedade demasiado desligada ou independente do conteúdo.

[...]Um critério temático amplo e não simplesmente geográfico, nacional ou cronológico[...] permite um mais amplo conhecimento da referência, como também da literariedade pois a utensilagem literária de análise (figuras de retórica, análise de estruturas[...] metaforismo[...] estética de recepção, etc.) proporcionam acréscimo de saber e de comunhão estética.

(CRISTOVÃO, 2002: 16, 37-38)

É precisamente com este critério temático amplo, sem restrições nacionais, cronológicas ou geográficas e com o intuito de dar um maior entendimento aos textos, do ponto de vista científico e literário que Fernando Cristovão propõe 5 tipos ou temas de Viagem que iremos caracterizar sucintamente:

1. Viagem de Peregrinação:

São as primeiras de que se conhecem relatos escritos cuja influência e projeção tiveram um impacto significativo. Deixam de ser feitas na clandestinidade, na época de Constantino com o Édito de Milão, em 313, que vai permitir a liberdade de culto a todos aos cristãos. Anteriores à época das Descobertas, anteciparam a mentalidade que iria

Dezembro 2014

triunfar com as navegações ultramarinas

(CRISTOVÃO, 2002: 38)

tendo sido um marco importante na organização da vida em sociedade com consequências ao nível cultural, artístico, literário, religioso, divulgação de lendas e mitos de carácter fabuloso, etc.

Contribuíram também para o estímulo na

procura de novas terras e de novas emoções

(CRISTOVÃO, 2002: 39)

tendo na sua génese uma intencionalidade devota que ultrapassa a curiosidade superficial e turística.

Verifica-se também neste tipo de viagem, o

desejo de se captar um poder ou energia sobrenaturais[...] e a vontade de se entrar em comunhão com o Divino, através de uma experiência concreta.

(CRISTOVÃO, 2002: 38)

2. Viagem de Comércio:

As trocas comerciais foram, desde os tempos mais remotos, um dos motores das descobertas de povos, regiões e culturas. Na Europa essas trocas consolidaram-se durante a Idade Média, através das feiras. Com o envio de emissários ao Oriente abrem-se novas perspectivas pois, para além de aprofundarem e

estabelecerem relações práticas de comércio e entendimento

(CRISTOVÃO, 2002: 40)

Dezembro 2014

tomam conhecimento sobre as condições de evangelização e de proteção contras as invasões dos mongóis.

Os textos relativos a essas viagens não são muito abundantes, sendo uns de carácter mais documental, informando sobre as trocas efetuadas, os mercados, as medidas, o tipo de produtos comercializados, a moeda, etc. e outros de carácter mais abrangente referindo usos, costumes, regiões, língua, religião, etc. No entanto, apesar da escassez de relatos de viagens de comércio, estes aspetos relativos ao comércio são amplamente tratados em obras de outro tipo (peregrinação, expansão, erudição).

Segundo Fernando Cristóvão, quanto mais longínqua é a viagem mais fantasiosa é a descrição, podendo dizer-se que

a imaginação se solta na razão directa das distâncias.

(CRISTOVÃO, 2002: 41)

3. Viagem de Expansão:

As viagens de expansão, que sofrem um impulso significativo com o renascimento, têm um carácter de conquista de território e de imposição da fé através da invasão e ocupação de territórios, subjungando sempre que possível, as populações indígenas. A expansão da fé tem um carácter diverso da viagem de peregrinação pois com a primeira pretende-se a subjugação do “outro” à religião dos dominadores e invasores:

a mentalidade e o estilo são de ofensiva religiosa e cultural, relevam da vontade de conquistar o vazio espiritual do Novo Mundo, de estabelecer igrejas locais e de disputar [...] a outros cultos territórios e consciências.

(CRISTOVÃO, 2002: 45)

Dezembro 2014

4. Viagem de Erudição – Formação – Serviço:

Neste tipo de viagens sobressai a procura do saber, da solidariedade social, um clima de cultura e um espírito que releva de um alto grau humorístico.

A preocupação maior é a aquisição de conhecimentos sejam eles

científicos ou de cultura geral, capazes de provocarem novas ideias e hipóteses[...] E quanto aos viajantes[...] são príncipes, preceptores, artistas, eclesiásticos, bolseiros de diversos tipos, intelectuais críticos que não se acomodam à estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países, desejosos de encontrar fora de fronteiras o que lhes falta dentro. Por meio de escritos irão contribuir para a renovação cultural dos seus concidadãos. [...] Na perspectiva da viagem erudita, Bandelot de Dairval[...] recomendava[...] que não se desdenhasse a aprendizagem das línguas. Nada era inútil, tudo servia para aumentar o saber.

(CRISTOVÃO, 2002: 49)

5. Viagem Imaginária:

A necessidade de alcançar a felicidade ou o simples desejo de ser feliz é uma aspiração humana. Mas nem sempre o desejo se converte em realidade, criando assim uma rutura entre o princípio do desejo e o princípio da realidade. Como forma de superar esta dicotomia, a

tendência para o mito e a evasão[...] pode afirmar-se que é irmã gémea do próprio desejo de felicidade.

(CRISTOVÃO, 2002: 50)

Dezembro 2014

Daí a criação de utopias libertárias, mundos imaginários, visões do Paraíso celeste e terrestre e as viagens a esses mundos, também elas imaginárias, como forma de superar as contrariedades da vida, as frustrações e rejeições e na ânsia de encontrar

em paragens longínquas[...] uma ilha perdida nos oceanos[...] um lugar isolado no continente ou para além da morte. Realizando-se o acesso à felicidade imaginária através da viagem, o tempo, o espaço, o sonho ou a visão oferecem-lhe a sua vastidão territorial. E, como sempre, os paraísos estão longe. A viagem faz-se para as montanhas altas e inacessíveis, ilhas, lua, sol e outros astros ou para lugares afastados protegidos, para onde se entra através de estranhos poços, grutas ou buracos.

(CRISTOVÃO, 2002: 51)

A diferença fundamental entre as duas viagens (real e imaginária) está nos fundamentos em que as estruturas da narrativa se apoiam:

. Na viagem real os fundamentos apoiam-se na verosimilhança sendo os elementos imaginários dum nível secundário e simples ornamentos.

. Na viagem imaginária

é ao real que cabe o papel de ornamento.

(CRISTOVÃO, 2002: 51)

De acordo com a caracterização tipológica proposta por Fernando Cristóvão, julgamos poder encontrar algumas afinidades do Itinerário de Egéria com as viagens de erudição-formação-serviço, imaginária e de peregrinação.

Dezembro 2014

No entanto, consideramos que é sobretudo o relato da **Viagem de Peregrinação**, dentro da tipologia da Literatura de Viagens, o que melhor se adequa ao Itinerário de Egéria.

Não encontramos elementos relativos a mercados, produtos comercializados, moedas, transações e medidas que nos permitam relacioná-lo com a viagem de comércio, embora se possam encontrar informações de carácter mais abrangente relativas a usos e costumes.

Exemplifiquemos:

. Viagem de Erudição-Formação-Serviço

Há elementos do Itinerário que se enquadram neste tipo de viagem, nomeadamente na descrição pormenorizada da liturgia de Jerusalém, na 2ª parte do Itinerário, onde se procura

aumentar esse saber através de referências específicas aos ofícios sagrados da Cidade Santa. Em ambos os blocos é notória a intenção didáctica e a atitude pedagógica que consiste na partilha das vivências experienciadas[...] na predisposição para transmitir um conhecimento seguro[...] com o objectivo de satisfazer o desejo de outrém.

(MARIANO, NASCIMENTO, 1998: 49)

Um outro aspeto muito importante, e que é de realçar, é a provável aprendizagem da língua grega, por parte de Egéria, para ler os textos sagrados e comunicar oralmente.

. Viagem Imaginária

Dezembro 2014

No itinerário de Egéria podemos encontrar passagens que ilustram um entrosamento na viagem real de elementos do domínio do fantástico, do milagre, do não real, descritos na Bíblia e que Egéria vai divulgando à medida que vai experienciando esses espaços. É como se convocasse para si essa dimensão inacessível que lhe é dada a conhecer através da Bíblia.

Esta dimensão projeta-se também no desejo de comunhão com o Divino, característico da viagem de peregrinação e que iremos exemplificar a seguir.

. Viagem de Peregrinação

Dos principais aspetos que Fernando Cristóvão considera fundamentais na caracterização das viagens de peregrinação, salientamos os seguintes:

1. Divulgação de lendas e mitos de carácter fabuloso.

Egéria relata passagens da Bíblia, nos diferentes lugares por onde passa, que se podem enquadrar no tema de divulgação de lendas e mitos pois, apesar de serem descritos na Bíblia como factos ocorridos, revelam uma dimensão não natural, ou pelo menos inexplicável do ponto de vista científico. Assim, por exemplo, o episódio da sarça ardente e o da água que jorrou da pedra quando Moisés lhe bateu com um bastão, são relatos com características invulgares de tipo milagroso, assim como a extinção dum incêndio com a oração de Moisés e o lugar onde choveram codornizes.

4.6. Por uma razão, aliás, nos era forçoso sair na extremidade daquele vale, é que ali havia muitos mosteiros de santos homens e uma igreja no lugar onde está a sarça; esta sarça até hoje não morreu e produz rebentos.

Dezembro 2014

4.7. Assim, pois, tendo descido do monte de Deus, chegámos à sarça mais ou menos pela hora décima. Na realidade, esta é a sarça, a que me referi acima, de onde o Senhor falou a Moisés no fogo;

4.8. Ali perto avista-se também o lugar onde se deteve o bem-aventurado Moisés, quando Deus lhe disse: «Desata a correia da tua sandália»³³

5.6. [...] Igualmente nos mostraram a torrente de que o bem-aventurado Moisés fez beber os filhos de Israel³⁴, como está escrito no Êxodo.

5.7. Mostraram-nos também o lugar onde os setenta varões foram tornados participantes do espírito de Moisés³⁵[...].

Além disso, mostraram-nos também aquele lugar que foi chamado de «Incêndio», porque se queimou uma parte do acampamento. Então, logo que Moisés se pôs em oração, o fogo cessou.³⁶

5.8. Mostraram-nos também aquele lugar onde lhes choveu o maná e as codornizes.³⁷

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 93 e 97).

2. Informação de novas terras, usos e costumes

Egéria informa as suas destinatárias dos diferentes lugares sagrados visitados. Recorre por vezes à comparação, por exemplo de rios, planícies e montanhas com os rios, planícies e montanhas próximos da região das suas destinatárias, para que estas possam ter uma ideia mais próxima do real e mais concreta dessas paisagens.

³³ Cfr. *Ex.* 3,5.

³⁴ Cfr. *Ex.* 32,20.

³⁵ Cfr. *Nm.* 11,25.

³⁶ Cfr. *Nm.* 11, 1-3

³⁷ Cfr. *Nm.* 11,7-9; 31-33; *Ex.* 16, 13-15

Dezembro 2014

Regista, ao longo do seu Itinerário, as terras por onde passa, os seus usos e costumes. Para ela, estas terras que não conhecia a não ser da leitura de livros, vão ser apropriadas através da palavra escrita dando assim a conhecer às suas destinatárias, de forma viva, as diferentes experiências aí ocorridas e descrevendo minuciosa e detalhadamente os espaços topográficos.

Vejamos, por exemplo, como descreve o Vale de el-Ráha:

2.1. Ora, este vale é muito grande, estendendo-se sob a vertente do monte de Deus. Tem ele talvez, segundo pudemos avaliar à vista e pelo que eles diziam, uns dezasseis mil passos em comprimento³⁸, enquanto que em largura diziam que tinha quatro mil[...]

2.2. Na realidade, este vale é imenso e perfeitamente plano[...].

2.4. Indo nós, pois do lugar, onde[...] tínhamos feito uma oração, o itinerário foi assim, que atravessássemos pelo meio a extremidade deste mesmo vale e assim nós chegássemos ao monte de Deus.
(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 81).

O monte Sinai

2.5. Ora, este monte, visto das imediações parece ser um só, na verdade; no entanto, quando se prossegue pelo interior são muitos, mas o conjunto toma o nome de monte de Deus. Ora, aquele especial, no cimo do qual está o lugar onde desceu a majestade de Deus³⁹, como está escrito, encontra-se no meio de todos eles.

2.6. E embora todos estes, os que existem ao redor, sejam tão altos como eu penso nunca ter visto, contudo, aquele do meio, em que desceu a majestade de Deus, é tanto mais alto do que todos eles, que quando subimos a ele, todos aqueles montes, que tínhamos visto

³⁸ Cerca de 23 Km de comprimento por 5,7 Km de largura (idem, nota 4)

³⁹ Cfr. *Ex. 24, 16*

Dezembro 2014

altos estavam tão abaixo de nós como se fossem montículos pequeninos.

2.7[...] o do meio é mais alto que todos e é chamado propriamente Sinai⁴⁰, isto é, aquele em que desceu a majestade do Senhor; contudo não se pode ver sem que se chegue à sua própria base, pelo menos antes que se suba[...] Ora, antes que chegássemos ao monte de Deus isto já eu sabia pelo relato dos irmãos, e quando ali cheguei, constatei que era manifestamente assim.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 83)

O Egipto, a Palestina, o Mar Vermelho e o Mar Parténico

3.8[...] do cimo do próprio monte do meio, é que víamos abaixo de nós aqueles montes, que primeiramente escaláramos com esforço. Comparados com este do meio, no qual estávamos, aqueles assemelhavam-se a montículos, contudo são tão imensos que não creio ter alguma vez visto outros mais altos, excepto este do meio que os superava em muito. Ora, o Egipto e a Palestina e o Mar Vermelho e o mar Parténio⁴¹, que chega a Alexandria, e os territórios imensos dos sarracenos era o que víamos dali abaixo de nós, o que é difícil de acreditar; contudo era o que aqueles santos nos mostravam pormenorizadamente.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 89)

Descreve ainda Fáran e o deserto, Clisma, Fáthnis, Pelúsio, Epauléon, Magdala, Etham, Heroópolis, Arábia, Ramsés, Alexandria, Tebaida, Capadócia, Galácia, Bitínia, Constantinopla, Síria, Antioquia, Mesopotâmia, etc. manifestando ainda o desejo de ir a Éfeso rezar no túmulo do Apóstolo João.

⁴⁰ Para Egéria o Sinai designa simultaneamente o maciço montanhoso e a montanha específica, pertencente a esse maciço, em que Deus se manifestou a Moisés. (idem, nota 6)

⁴¹ Para Aires do Nascimento, “o mar *Parthenicum*, também denominado *Isiacum* é a parte oriental do Mediterrâneo entre o Egipto e Chipre. P. Maraval (1982: 136) destacou dois autores do séc. IV que empregam a mesma expressão: Gregório de Nazianzo (*Oratio*, 18-«Funebris in patrem») e Amiano Marcelino (*Hist.*, XIV, 8,10)”.(idem, nota 18)

Dezembro 2014

As curiosidades regionais e históricas são um foco de interesse para Egéria.

Por exemplo, ficamos a saber que as ruínas de Ramessés, que outrora foi uma grande cidade, vêem-se a perder de vista embora nada mais seja do que um descampado sem uma única habitação.

A única coisa que lá existe é:

8.2[...] uma pedra imensa de Tebas, na qual estão talhadas duas estátuas enormes, que dizem ser dos santos homens, isto é, de Moisés e Aarão; de facto dizem que os filhos de Israel as colocaram neste lugar em honra deles.⁴²

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 109)

E uma velha árvore de sicómoro que foi plantada pelos patriarcas e que:

8.3[...] por isso está ressequida, embora ainda dê fruto. Ora, quem quer que tenha uma enfermidade vai ali e colhe ramitos, e isso faz-lhe bem.

8.4[...] foi pelo relato do santo bispo de Arábia que tivemos disto conhecimento. De facto foi ele que nos disse o nome desta árvore, tal como lhe chamam em grego, a saber, **dendros alethiae**, o que nós traduzimos por «árvore da verdade».

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 109)

A Terra de Jessen tem vinhedos que dão vinho e outros

9.4[...] que dão bálsamo.⁴³

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 113)

Tânis, a cidade natal de Moisés,

⁴² Aires do Nascimento afirma que “a identificação das duas estátuas é fruto da imaginação dos guias de Egéria que esqueceram a interdição trazida pelo Antigo Testamento de toda a arte figurativa. As duas estátuas são sem dúvida as de um rei ao lado do seu deus, conforme era costume no Egito” (idem, nota 42)

⁴³ Aires do Nascimento anota que esta “é a única ocorrência do vocábulo *balsamum*. Plínio (Hist. Nat., XII, 112) afirma que a árvore de nome bálsamo é mais parecida com a vinha do que com o mirto”. (Idem, nota 49)

Dezembro 2014

9.5[...]foi outrora a metrópole de Faraó.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 113)

Passando em Lívias, descreve a cidade:

10.4[...] que se encontra neste descampado onde, naquele tempo, os filhos de Israel tinham estabelecido o seu acampamento. De facto as fundações do acampamento dos filhos de Israel e as habitações onde moraram são visíveis neste lugar ainda hoje[...] De facto este é o lugar de que está escrito: «E os filhos de Israel choraram Moisés em Arabot de Moab e do Jordão, frente a Jericó, durante quarenta dias.»⁴⁴

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 117)

Em direção ao Monte Nebo, faz um desvio para visitar as fontes de Moisés, seguindo a sugestão dum presbítero de Lívias que a acompanhava:

10.9. Mal acabou de falar, nós sentimos um vivo desejo de lá ir, e imediatamente, afastando-nos da estrada, seguimos o presbítero que nos guiava[...].

11.2. Ali, pois, entre as igrejas e os mosteiros, pelo meio, corre de um rochedo água abundante, muito bela e límpida, de sabor óptimo. Então nós perguntamos[...] que água era aquela tão especial e de tão bom sabor. Então eles disseram-nos: «Esta é a água que o bem-aventurado Moisés deu aos filhos de Israel neste deserto».⁴⁵

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 119-120)

Egéria ao visitar o local onde a mulher de Lot se transformou numa estátua de sal, faz questão de pedir às suas destinatárias, que acreditem naquilo que ela vê:

⁴⁴ Segundo Aires do Nascimento, “o texto hebreu, os *Setenta* e a *Vulgata* falam em trinta dias de luto. Este exemplo parece ser um testemunho de apoio à tradição de quarenta dias (cfr. *Gn.* 50,3). Hélène Pétré destacou o facto deste costume ter sido desenvolvido «surtout dans le domaine de la liturgie grecque (...) tandis que les Latins célèbrent plutôt le 30ème jour» (PÉTRÉ, 1948: 134)” (Idem, nota 58)

⁴⁵ Cfr. *Ex.* 27, 6; *Nm.* 20, 8.

Dezembro 2014

12.6[...] Também nos foi mostrado o lugar onde estive a estela da mulher de Lot⁴⁶, lugar esse também referido nas Escrituras.

12.7. Mas, acreditai em mim, veneráveis senhoras, aquela estela já não se vê, apenas está à vista o seu lugar; quanto à estela, diz-se foi coberta pelo mar Morto. Em verdade, nós vimos bem o lugar, mas a estela não, e por isso não posso enganar-vos a este respeito. O bispo deste lugar, isto é, de Segor, disse-nos que havia já alguns anos que aquela estela havia desaparecido. De facto, de Segor, é mais ou menos a seis milhas, o lugar onde se erguera aquela estela, que agora a água cobre totalmente.”

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 125)

Dá informações que têm a ver com a arquitetura religiosa, a vida social e política da época, cujo conhecimento se reveste do maior interesse para quem anseie empreender uma peregrinação ao Oriente.
(MARIANO, NASCIMENTO, 1998: 41).

23.4[...] há pois uma grande quantidade de mosteiros⁴⁷ ali sobre esta colina e, no meio, um muro grande que circunda a igreja onde está o santuário; este santuário é muito belo. Por outra parte quanto ao muro foi ele construído para guardar a igreja dos isáurios que são bastante maldosos e que frequentemente se dedicam à pilhagem, não fossem tentar qualquer acção próximo do mosteiro que está ali para servir a igreja.⁴⁸

⁴⁶ Cfr. *Gn.* 19, 26;

⁴⁷ Segundo Aires do Nascimento, “o fascínio exercido pela Terra Santa motivou o incremento (nomeadamente a partir do séc. IV) das peregrinações à Palestina e o surgimento de um conjunto alargado de mosteiros. Recordem-se a título de exemplo, os mosteiros fundados por Melânia-a-Velha e Rufino, em Jerusalém no séc. IV (PALÁDIO, *Hist. Laus.*, 46, 5 – *PL*, t. 74) e de Paula e S. Jerónimo em Belém (JERÓNIMO, *Epist.*, 66, 14; 108, 14). No séc. V, Melânia-a-Jovem, funda um mosteiro feminino em Jerusalém.” (Idem, nota 122)

⁴⁸ Ainda segundo este autor, “a província da Isáuria, situada nas montanhas do Tauro, estava semeada de povoações que serviam de referência aos assaltantes. S. João Crisóstomo na sua carta 6 (§1 a), ao descrever as dificuldades da sua viagem para Cucusa, faz referência aos isáurios: «Reflecti sobre o que se tinha seguido, sem médico, sem banho, sem o necessário, sem o mínimo repouso, acometido de todos os lados pelo medo dos isáurios, pelos outros males que a dificuldade das viagens normalmente engendra,

Dezembro 2014

23.5. Quando pois ali cheguei[...] foram lidos todos os Actos de St^a Tecla; depois dei graças infinitas a Cristo nosso Deus⁴⁹[...]

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 167).

3. Intencionalidade devota/Desejo de comunhão com o Divino

Encontramos, ao longo do *Itinerário de Egéria*, diversas passagens que são elucidativas duma necessidade de comunhão com o Divino.

A sua condição de *mulher*, que nesta época se definia como “esposa, viúva ou virgem”, por si só não lhe permitiria afirmar-se como individuo com personalidade moral, económica e jurídica com condições para concretizar esta demanda.

A mulher foi a vítima das coacções que o parentesco e a família lhe iam impondo. Na documentação da Idade Média, fruto de uma sociedade dominada pelos homens, a voz das mulheres raramente se faz ouvir e, na maior parte dos casos, provém das camadas mais altas da classe mais alta

(LE GOFF, 1989: 22).

Egéria pertenceria a um grupo ou classe social alta e possuiria uma formação que não era usual, nem prática corrente, para uma mulher no séc. IV.

De acordo com a carta do monge Valério, Agustín Arce⁵⁰ elenca as fontes literárias de que Egéria se serviu para a elaboração do Itinerário: a *Bíblia* (da qual cita 80 vezes o Antigo Testamento e 20 vezes o Novo Testamento), o *Onomasticon*, escrito

inquietude, preocupação, ausência de pessoas para cuidar de nós. Mas agora tudo isso terminou.». No parágrafo 1 b conta-nos como a presença de soldados é uma constante na região: «... fomos libertados do medo dos isáurios, pois há aqui muitos soldados, muito bem armados contra eles.» (JOÃO CRISÓSTOMO, *epistulae ad Olympiadem*. – SC, nº 13bis, Paris, 1968, p. 127)”. (Idem, nota 123)

⁴⁹ José Cardoso refere em nota de pé de página que “segundo Hélène Pétré esta fórmula é de origem priscilianista.” (CARDOSO, 1999: 173 nota 311)

⁵⁰Arce, Agustín (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria (381-384)*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, pp. 43/46

Dezembro 2014

por Eusébio de Cesareia depois do Concílio de Niceia em 325, a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, escrita entre 312 e 324, a *Vita Constantini* e *Os monges do Oriente Cristão – A Vida de Santo Antão*, escrita por Santo Atanásio, Bispo de Alexandria.

Egéria viaja com a Bíblia na mão para, nos locais sagrados, ler e vivenciar os acontecimentos relatados, sobretudo do Antigo Testamento, como se pode confirmar pelo seguinte extrato do seu itinerário:

4.1. Satisfeito, pois, totalmente o intento pelo qual nos havíamos apressado a subir, começámos já também a descer do próprio cimo do monte de Deus, a que subíramos, para outro monte, que está perto dele; este lugar chama-se «em Choreb⁵¹»; com efeito, aí há uma igreja.

4.2. Efectivamente fica aqui o lugar de Choreb onde esteve o santo profeta Elias, quando fugiu da presença do rei Acab e onde Deus lhe falou dizendo: «Que fazes aqui Elias?».⁵² De facto, a gruta onde se escondeu o santo Elias está à vista ali ainda hoje diante da porta da igreja que está ali; está à vista também ali um altar de pedra, que o próprio santo Elias colocou em oferecimento a Deus, como também aqueles santos se dignaram mostrar-nos pormenorizadamente.

4.3. Celebrámos, pois, também ali a eucaristia⁵³ e fizemos uma oração fervorosíssima, e leu-se o passo correspondente do livro dos Reinos: isto era o que na realidade eu desejara sempre vivamente para nós que, a qualquer parte onde chegássemos, se lesse sempre o passo correspondente da Bíblia.

⁵¹ “Egéria distingue o Sinai de Horeb. O primeiro corresponde ao maciço montanhoso e, especialmente aquele em que Deus apareceu a Moisés; enquanto que o segundo é um outro pico do mesmo maciço, contíguo ao primeiro, onde se conserva a recordação de Elias. (PÉTRÉ, 1948: 32-33)” (Idem, nota 20)

⁵² *IRs.* 19, 9

⁵³ 2ª celebração eucarística (Cfr. nota 14 da tradução, p.87).

Dezembro 2014

4.8. [...] E, no dia seguinte, tendo acordado bem cedo, pedimos aos presbíteros que se celebrasse ali a eucaristia⁵⁴, e assim se fez.

5.12. E embora deva sempre dar graças a Deus por todas as coisas (não falarei naquelas tão numerosas e boas que se dignou conceder-me, a mim que sou indigna e não mereço percorrer todos os lugares, que eu não merecia ver) contudo, pela minha parte, também não sou capaz de agradecer o suficiente a todos aqueles santos, que se dignavam receber a minha humilde pessoa de tão boa vontade nos seus mosteiros e até guiar-me por todos os lugares, que eu procurava ver seguindo as Sagradas Escrituras.⁵⁵

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 91, 93 e 99).

Egéria ter-se-ia preparado e documentado, com leituras seletivas, para a sua viagem

y, así preparada, la viajera sabia de antemano lo que iba a visitar: en el desierto de Tebaida, entre los anacoretas, y aun entre las tribus semibárbaras que recorrían las estaciones bíblicas del Exodo.

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 46).

Um dos principais motivos que levaram Egéria a fazer a sua viagem foi conhecer a vida eremítica e cenobítica dos numerosos homens e mulheres entregues inteiramente a Deus, longe do mundo.

Por toda Europa corrían entonces noticias de este fenómeno social extraordinário, y muchos vinieron a verlo y estudiarlo. Ella, apenas llegada al Oriente, «va visitando com sumo deseo los gloriosísimos

⁵⁴ 3ª celebração eucarística

⁵⁵ José Cardoso considera que “talvez por falsa modéstia, Egéria pretende tornar-se demasiado pequena aos olhos dos eremitães e dos homens consagrados a Deus. E isto no que diz respeito a virtude, saber, qualidades humanas, escalão social, em suma”. (CARDOSO, 1999: nota 70)

Dezembro 2014

cenóbios de las varias congregaciones de los santos monges de la Tebaida y las santas cárceles de los anacoretas»⁵⁶

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 45).

Egéria desloca-se com

uma intenção determinada (*gratia/orationis*) para lugares precisos (*martyrium/loca*)[...] com o propósito de estender a um destinatário particular o testemunho da sua experiência.

(MARIANO, NASCIMENTO, 1998: 39).

Em todos estes excertos intersejam-se diversas áreas que vão da Literatura à História, Antropologia, Geografia, Astronomia, Cartografia, Arquitetura, etc.

A descrição minuciosa de lugares, usos e costumes está também presente ao longo do Itinerário, como se pode comprovar no seguinte excerto:

3.4. Como, pois, que por vontade de Deus, tivéssemos subido ao próprio cimo e tivéssemos chegado à porta desta igreja, eis que acorreu ao nosso encontro, vindo do seu mosteiro, o presbítero que estava encarregado daquela igreja, um ancião bem conservado e monge desde tenra idade e, como aqui dizem, «asceta»⁵⁷, em suma, digno de estar neste lugar. Acorreram também ao nosso encontro outros presbíteros e também todos os monges, que moravam ali perto daquele monte, isto é, aqueles que não estavam impedidos quer pela idade quer pela debilidade.

⁵⁶ Carta de Valério, al principio (Idem, nota 3)

⁵⁷ No livro de Alexandra Mariano e Aires do Nascimento traduz-se a palavra grega «*ascitis*» (6 ocorrências = 6 oc.) por «asceta». Egéria conhece este termo dizendo que é um termo local (*ut hic dicunt*). José Cardoso opta por não traduzir o termo «*ascitis*» fazendo uma nota com a indicação de que é uma *corruptela da palavra grega* [que significa] *o que faz exercício* [acrescentando no final] *No t.º asceta*. (CARDOSO, 1999: 105, nota 22)

Dezembro 2014

3.5. Ora, na verdade, no próprio cimo daquele monte do meio não habita ninguém; com efeito, não há ali outra coisa senão a igreja sozinha e a gruta onde esteve o bem-aventurado Moisés⁵⁸.

3.6. Lido, pois, naquele lugar todo o passo do livro de Moisés e celebrada a eucaristia⁵⁹ da maneira habitual, assim tendo nós comungado, quando já saíamos da igreja, deram-nos os presbíteros deste lugar eulogias⁶⁰, isto é, frutos que nascem no próprio monte. De facto, embora o santo monte Sinai seja todos pedregoso, de tal forma que nem tenha um arbusto, contudo, em baixo junto à base destes montes, isto é, tanto à volta daquela do meio como à volta daqueles que estão nas imediações, há um pouquinho de terra. Logo ali os santos monges plantam, com a sua diligência, arvorezinhas e criam pomarinhos e culturas, e junto aos seus mosteiros, como que arrancando da terra do próprio monte alguns frutos que, no entanto, parecem terem sido fabricados pelas suas mãos.

4.7[...] ela está neste lugar onde há muitos mosteiros e uma igreja, na extremidade daquele vale⁶¹. Ora, diante desta igreja, há um jardim agradabilíssimo⁶², que tem uma água ótima e abundante; é neste jardim que está a sarça.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 85/91)

Nestes excertos do Itinerário de Egéria podemos verificar a descrição minuciosa dos diferentes sítios por onde vai passando, dos tipos de flora, da terra, dos

⁵⁸ Cf. *Ex.* 32, 22

⁵⁹ No livro de Alexandra Mariano e Aires do Nascimento refere-se que *facere oblationem* (9 oc.) significa *celebrar a eucaristia*. Remete ainda para o termo *oblatio* (17 oc.) «*oblação*» no texto de Egéria, cujo significado é idêntico.

⁶⁰ As eulogias consistiam em ofertas de biscoitos e bolos secos, artigos capazes de resistir a longas viagens, não apodrecendo. Começou a ter um significado mais amplo alargando-se a qualquer peça comestível. “Surge cinco vezes no itinerário e não oito como Väänänen afirma.” (Idem, nota 15)

⁶¹ De acordo com a nota de José Cardoso no seu livro e que transcreve informações de Agustín Arce, López Pereira e Pierre Maraval, o imperador Justiniano terá mandado construir nesse local, no séc. VI um mosteiro que passou a ter orago, no séc. IX, a Santa Catarina, Virgem e Mártir de Alexandria.

⁶² No livro de Alexandra Mariano e Aires do Nascimento há uma extensa nota sobre as formas de superlativo a que Egéria recorre. (Idem, p. 93, nota 24)

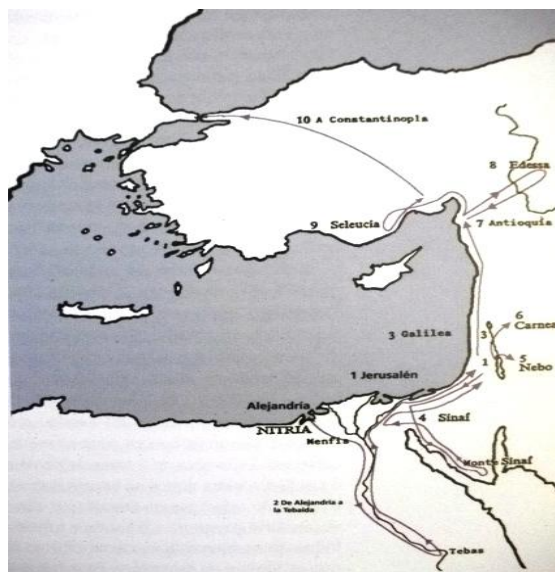
Dezembro 2014

usos e costumes, crenças e culturas locais, fazendo como que um relato, em jeito de reportagem, procedendo deste modo ao enquadramento antropológico, histórico e social daquela região e dos seus habitantes, tal como refere Fernando Cristovão.

Estes elementos, aliados ao modo como o leitor recebe o texto e se impregna das suas paisagens, cheiros e sabores, tradições religiosas e culturais, levam-nos a enquadrá-lo no âmbito da Literatura de Viagens e essencialmente no tipo de Viagem de Peregrinação, embora contenha também elementos que se encontram nas viagens de erudição e imaginárias, tal como já tivemos ocasião de comprovar ao longo deste capítulo. No entanto, é sobretudo ao nível da intencionalidade devota, da comunhão com o Divino, da divulgação de lendas e mitos e da descrição de novas terras, usos e costumes que o Itinerário se baseia, resultado da necessidade que Egéria tinha de

9.6[...] conhecer plenamente os lugares onde passaram os filhos de Israel.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 113)



Itinerário de Egéria (FELICIANO NOVOA, 2003: 93)

Dezembro 2014

3. OUTROS OLHARES SOBRE O “OLHAR” DE EGÉRIA

Neste trabalho de investigação, dada a complexidade e as lacunas históricas acerca de Egéria, o objeto de estudo passou também a ser um recétaculo de interpretações múltiplas.

Sabemos que as cartas são indicadores de mentalidades. Reveladoras de costumes e crenças, contam a “sua” verdade que contém sempre mentira pois nunca é possível representar a totalidade do real. Como diz Roland Barthes

Não nos apercebemos do poder que existe na língua porque nos esquecemos que qualquer língua é uma classificação e que qualquer classificação é opressora.

(BARTHES, 1979: 15)

Com efeito, o *Itinerarium* pode ser considerado um *corpus* em que diversos “olhares” são possíveis. Alguns já foram muito e bem explorados do ponto de vista linguístico por especialistas credíveis na matéria. Outros ainda estão por desvendar.

Assim, vamos explicitar de forma sucinta, outros olhares que caracterizam Egéria numa “outra” perspetiva, buscando sentidos de alteridade e/ou de identidade, que estão para além da interpretação literal, estritamente documental e reduzida aos poucos indícios que a rodeiam, num cenário mais vasto em que ela se enquadra.

O ser do homem não se basta ao indivíduo isolado: o ser do homem é, antes de mais, um ser-no-mundo, uma entidade que se aproxima da dimensão divina e por ela se faz transportar até ao infinito. [...]

O tempo é um lugar único, espécie de regaço metafísico em que nos reconhecemos. [...]

Dezembro 2014

Mais do que a própria divindade, o homem será sempre o maior mistério de si mesmo.

(TAVARES, 2000: 164-166)

a) O “olhar” do Abade Valério⁶³

Valério do Berço foi abade de vários mosteiros do Berço, região que, de acordo com a referência que Agustín Arce faz de Enrique Flórez,⁶⁴ era a que melhor podia competir em santidade com a Tebaida e com os mais santos desertos da Palestina. Morreu em 695, no mosteiro de S. Pedro dos Montes, onde viveu uma vida monacal e de eremita, durante mais de quarenta anos.

Esta sua situação religiosa, geográfica e social, levam-no, nas obras que escreveu, nomeadamente na carta aos monges do Berço em louvor de Egéria, a construir uma imagem com a qual também ele se identifica, tornando-a um paradigma e um modelo a seguir, para os monges que estão sob a orientação do seu amigo Donadeus:

1. Ruégoos, hermanos, santos y queridos de Dios, que meditéis con ánimo atento qué ejercicio de variadas obras es necesario para llegar al reino de los cielos. Cuando consideramos los hechos y virtudes de varones fortísimos y santos, hallamos más digna de admiración la constantísima práctica de la virtud en la debilidad de una mujer, cual lo refiere la notabilísima historia de la bien aventurada Egeria, más fuerte que todos los hombres del siglo.

Así, pues, cuando en otro tiempo el feliz renacer de la fe católica y la inmensa claridad radiante de la sagrada religión llenaban finalmente de luz – al tardo paso del tiempo – la *extremidad de esta región*

⁶³ A carta de Valério encontra-se traduzida e publicada na íntegra, nas obras de Pierre Maraval e Manuel C. Díaz y Díaz e Agustín Arce. Cfr. Bibliografia.

⁶⁴ Cfr. FLÓREZ, Enrique, (1787) *España Sagrada*, XVI, Madrid, pp.324-349, (citado em AGUSTÍN ARCE, 1980: 4, 5).

Dezembro 2014

occidental, esta bienaventurada monial Egeria, inflamada con el deseo de la divina graça y ayudada por la virtud de la majestad del Señor, emprendió con intrépido corazón y con todas sus fuerzas un larguísimo viaje por todo el orbe.... Quanto más instruida estaba en la santa doctrina, tanto más sentía encendido su corazón en la llama de un deseo santo inenarrable.⁶⁵

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 9)

Vemos assim em Valério, a construção e projeção duma Egéria fiel aos cânones da fé católica, numa linha estritamente ortodoxa da Igreja, eivada duma “santidade” que tudo faz para alcançar o paraíso divino. Com Valério quase se poderia dizer que Egéria não é deste mundo mas sim da esfera divina, qual santa inflamada e conduzida pela chama da vontade de Deus.

É como se, em Valério, Egéria estivesse numa

esfera da santidade que aproxima o homem de Deus e confere à vida um sentido.[...] Vislumbrar a essência de um espírito.

(TAVARES, 2000: 191)

b) O “olhar” de Agustín Arce⁶⁶

Agustín Arce, O.F.M., foi o responsável, durante quase quatro décadas (desde 1936) da Biblioteca Central da Custódia da Terra Santa.

Grande parte dos manuscritos existentes nesta Biblioteca devem-se ao empenho deste padre franciscano.⁶⁷

Tem várias obras publicadas, quase todas relacionadas com a Terra Santa. Mas uma das que mais nos interessa para este estudo é *O Itinerario de la Virgen*

⁶⁵ Sublinhado nosso

⁶⁶ Cfr. Bibliografia

⁶⁷ <http://es.custodia.org/default.asp?id=1084&ricerca=Agust%C3%ADn+Arce#b1890>

Dezembro 2014

Egeria, publicado em 1980, pela Biblioteca de Autores Cristianos, em Madrid. Trata-se duma edição crítica do texto latino, variantes, tradução anotada, documentos auxiliares, ampla introdução, planos e notas, como vem referido na primeira folha.

Agustín Arce faz um estudo muito detalhado sobre todos os aspetos relacionados com o Itinerário e a sua autora.

Ao relacionar Egéria com o Imperador Teodósio vai fazer realçar três aspetos que considera serem pontos de coincidência no tempo, no espaço e nos acontecimentos, entre Egéria e Teodósio:

1º O tempo: 378-384

Teodósio parte de Cauca el año 378 y llega a Constantinopla el 380; Egeria debió de partir de su tierra y llegar a Constantinopla por las mismas fechas, pues a principios del 381 se hallaba ciertamente en Constantinopla y mui probablemente ya desde el año anterior, como Teodósio.

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 30)

2º O espaço: ambos são da Província da Gallaecia

La atenta comparación del viaje de Teodósio desde su país natal, Cauca, hasta Constantinopla, y del itinerario de Egeria desde «el extremo litoral del mar Océano occidental», donde ella había nacido, como dice Valerio, hasta Constantinopla, hace possible, y aun probable, que el viaje de ambos tuvo lugar al mismo tiempo. Los dos son españoles y de la misma «Província».

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 30)

3º Os acontecimentos:

A longa e custosa viagem de Egéria, a facilidade que sempre encontrou nas viagens através do apoio de soldados, monges, bispos, presbíteros, etc., que a levavam

Dezembro 2014

a todos os lugares e lhe proporcionavam todas as condições para que estivesse em segurança e conseguisse realizar esta sua viagem ao Oriente, supõe a existência de alguma relação entre Egéria e Teodósio.

Agustín Arce coloca assim a hipótese duma relação familiar ou de amizade entre Egéria e o Imperador Teodósio e de provavelmente terem feito a viagem juntos desde o Noroeste peninsular:

Podemos, pues, suponer que Teodósio y Egeria partirían juntos del NO de España: Teodósio para defender el Imperio contra los bárbaros invasores; Egeria para venerar los santuarios de Palestina y visitar los monasterios de Siria y Egipto. Atravesarían la Galia meridional hasta llegar al Ródano – cuyo paso y rápida corriente impresionaron a Egeria, como lo recordará más tarde al atravesar el Eufrates (18, 2) - ; seguirían por el norte de Italia; se embarcarían en Aquileya o algún otro puerto, y por el Adriático – el «mare Ytalicum» que Egeria recordará en el mar Rojo (PEDRO DIÁCONO, Y 10) -; y luego se separarían, para ir Teodosio a luchar contra los godos y demás bárbaros que habían invadido la Tracia, la Moesia y la Scythia al sur del Danubio, y Egeria seguiría por mar hasta Constantinopla, donde se habrá dedicado a estudiar el griego para poder entenderse con las personas de esta lengua en aquella capital y durante todo su viaje.

(AGUSTÍN ARCE, 1980: 30, 31)

Podemos desenhar, nesta hipótese de Agustín Arce, uma Egéria em sintonia com uma igreja césaropapista, alinhada com o poder do imperador e usufruindo de meios económicos e sociais para a concretização dos seus desejos e aspirações.

Dezembro 2014

c) O “olhar” de Henry Chadwick⁶⁸

Henry Chadwick, teólogo da igreja anglicana, nasceu em Kent, no Reino Unido em 1920 e morreu em 2008 em Oxford.

Embora marcado por uma educação protestante tem, no entanto, um ponto de vista mais aberto e abrangente sobre as religiões ou os movimentos religiosos.

Assim, expõe em quatro pontos a possível relação de Egéria com o movimento priscilianista:

1. Egéria escreve para uma comunidade feminina, típica do movimento priscilianista;
2. Egéria dá importância aos apócrifos, nomeadamente ao Evangelho de S. Tomé, à correspondência entre Jesus e Abgar (da qual recebe uma cópia pelas mãos do bispo de Edessa, mais completa do que a que existia na sua comunidade e que ela já conhecia) e ao santuário de Santa Tecla, entre outros.

17.1[...] E também para rezar no santuário do apóstolo S. Tomé, onde o seu corpo íntegro foi depositado, isto é, em Edessa; foi a ele que Jesus nosso Deus prometeu enviar para ali, depois de ter subido aos céus, pela carta que enviou ao rei Abgar pelo correio Ananias; a carta está também guardada com grande reverência na cidade de Edessa, onde está este santuário.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 140-141)

3. Egéria espanta-se ao constatar que na Palestina não jejuam aos sábados nem aos domingos, dando a entender que sendo um hábito desses lugares é diferente da região donde ela vem e a que estaria habituada. Ora, o

⁶⁸ Cfr. Bibliografia

Dezembro 2014

jejum dominical era uma prática priscilianista que foi condenada no Concílio de Saragoça em 380.

44.1. Porém, desde o dia a seguir ao Pentecostes, todos jejuam, conforme o costume, todo o ano, cada um segundo o que pode, excepto ao sábado e ao domingo, em que nunca se jejua nestes lugares.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 237)

4. Egéria revela interesse pelos ascetas ao descobrir que no Oriente os *apotactitae* tinham homens e mulheres nas suas comunidades.

23.6. Assim, pois, fiquei ali dois dias, tendo visitado também os santos monges e apotactitas que ali estavam, tanto homens como mulheres.

[...]

28.3. Com efeito, tal é aqui o costume de todos os que são apotactitas, como se denominam aqui, homens e mulheres.

(MARIANO, NASCIMENTO (eds.), 1998: 167, 201)

Desta forma, a figura de Egéria poder-se-á ligar aos movimentos heterodoxos do séc. IV, nomeadamente ao priscilianismo, tal como Aimé Lambert já tinha também abordado, considerando que Egéria e o priscilianismo fazem parte do livre exame da consciência em relação aos cânones.

CONCLUSÃO

Le voyage, perçu comme un mode
d'éducation à l'alterité,
permettrait la conquête
et la connaissance de
«*l'espace du dedans*»

(MICHAUX, 1960)

Um dos aspetos que pretendíamos com este trabalho era verificar se o Itinerário se enquadrava no subgénero literário da Literatura de Viagens e, dentro deste, na Viagem de Peregrinação, segundo a caracterização de Fernando Cristovão.

Julgamos que esse objetivo foi atingido na medida em que encontramos no Itinerário fundamentos para o enquadrar no referido subgénero literário, tal como é entendido por Fernando Cristovão.

Um outro aspeto que nos propusemos trabalhar, tinha outra dimensão e pretendia encontrar, através do Itinerário e de vários autores que o trabalharam, outros olhares sobre a autora e sobre a sua obra.

Esta busca dum sentido existencial como fundamento da viagem, faz parte dum mundo que se constrói em três esferas (BUBER, 1974 : 174):

1^a - A vida em relação com a natureza;

2^a - A vida em relação com as ideias;

3^a – A vida em relação com as pessoas;

Dezembro 2014

Ou, como na narrativa espiritual de Jean-Yves Leloup, sobre os antigos monges que eram verdadeiros terapeutas :

Monte, papoula, pássaro, elementos da natureza que lembram ao ser humano que ele tem de percorrer novamente os diversos níveis do ser , as diversas esferas que formam o macrocosmos, antes de seguir adiante : a esfera mineral, as esferas vegetativa e animal.

(LELOUP, 2000 : 12)

É nesta perspetiva tripartida que a viagem ganha sentido e se tecem os diferentes olhares numa visão mais abrangente, uma visão com dimensão de alteridade.

Também nós, ao longo deste tempo, experimentamos fazer a viagem dentro da viagem de Egéria. Era uma necessidade que nos invadia, por vezes de forma irracional e outras vezes como justificação racional e científica para beber na fonte primária existente.

A viagem a Arezzo, perfeitamente dispensável e no entanto necessária e mobilizadora, concretizou-se e superou todas as expectativas.

Ir ao encontro de Egéria, com todos os sentidos despertados, alterou-nos a dimensão puramente documental do manuscrito e permitiu-nos um distanciamento e simultaneamente uma aproximação a Egéria e à sua obra.

O espanto que alguns elementos da Biblioteca Città di Arezzo manifestaram, ao constatarem que ainda hoje, dezassete séculos passados sobre a viagem de Egéria, alguém se desloque do *extremo occidui maris Oceani litore* para se encontrar com Egéria, era visível. Daí a solidariedade e disponibilidade partilhada.

Dezembro 2014

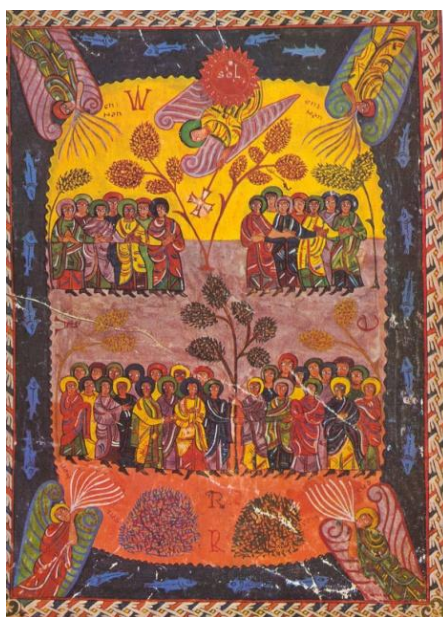
Assim, a viagem ganha sentido e o outro que buscamos, passa também a fazer parte de nós.

Não temos a verdade objetiva e total sobre Egéria. Mas será que algum dia alcançaremos a verdade sobre o outro e sobre nós próprios ?

Há um poema medieval que diz o seguinte :

*Não sei donde venho,
Não sei quem sou,
Não sei para onde vou,
Vivo com alegria este meu caminho.*⁶⁹

O nosso olhar, depois da realização deste trabalho, é já um outro olhar sobre Egéria e sobre a sua obra.



O anjo, o sol, o céu, a terra e os quatro ventos

⁶⁹ Poema medieval atribuído a Martinus von Biberach

BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIA ATIVA

MARIANO, Alexandra B. e NASCIMENTO, Aires A. (1998) *Egéria, Viagem do Ocidente à Terra Santa, no séc. IV*, Lisboa, Ed. Colibri

2. BIBLIOGRAFIA GERAL

ALARCÃO, Jorge de (1988) *O Domínio Romano em Portugal*, (2ª ed.), Publicações Europa-América

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1973) “Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal” in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – História*, Vol.III, pp. 113-136

ALVAR, Jaime et al., (2010) *Cristianismo Primitivo y Religiones Místicas*, (3ª ed.), Madrid, Ed. Catedra

AMORIM, Maria Adelina (2004) *Homo Viator: Estudos em homenagem a Fernando Cristovão*, Lisboa, Ed. Colibri

ANDERSON, Perry (1989) *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*, 3ª ed., Porto, Ed. Afrontamento

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, (2006) *O Nome das Coisas*, (4ª ed.), Ed. Caminho

ARCE, Agustín (1980) *Itinerario de la Virgen Egeria*, Madrid, Ed. Biblioteca de Autores Cristianos (BAC)

Dezembro 2014

- (1978) “Egeria, peregrina y reportera del siglo IV” in *Tierra Santa*, 53, pp. 208-212
- (1978) “Egeria con los monjes de su tiempo” in *Tierra Santa*, 53, pp. 89-93
- (1976) “El Nombre y la Patria de la Virgen Egeria, la fecha y el manuscrito de su «Itinerário» 381-384” in *Tierra Santa*, 51, pp. 258-263
- AVELAR, Ana Paula Menino (2003) *Figurações da alteridade na cronística da Expansão*, Lisboa, Ed. Universidade Aberta
- BAGATTI, B. (1968) “Ancora sulla data di Eteria” in *Bibbia e Oriente*, 10, pp. 73-75
- BARTHES, Roland (1979) *Lição*, Lisboa, Ed. 70
- BAUTIER, Robert-Henri (1973) *A Economia na Europa Medieval*, Lisboa, Ed. Verbo
- BLOCH, March (1987) *A Sociedade Feudal*, 2ª ed., Lisboa, Ed. 70
- BOURDEILH, Éric (2010) *L'Experience du Voyageur Esthète et Philosophe*, Mémoire Présenté Comme Exigence Partielle de la Maîtrise en Communication, Université du Québec à Montreal. Recuperado em 2012, Setembro, de <http://think-out-of-the-box-eb.blogspot.pt/2008/10/ken-wilber.html>
- BOUVY, Edmond (1904) “Euchéria et Silvia” in *Revue Augustinienne*, 4, pp. 80-83

Dezembro 2014

BUBER, Martin (s.d.) *EU e TU* (Newton Aquiles Von Zuber, Trad.), São Paulo, Ed. Centauro (original alemão *Ich und Du*, 1974, 8ª ed. Lambert Schneider, Heidelberg)

CALAFATE, Pedro (dir.) (1999) *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. I, Lisboa, Ed. Caminho

(2001) *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. II, Lisboa, Ed. Caminho

CAMPOS, Júlio (1967) “Sobre un documento hispano del Bajo Império «El Viaje de Egeria»” in *Helmántica*, 18, pp. 273-289

CARDOSO, José (1999) *Egéria – Peregrinação aos Lugares Santos do Médio Oriente (do ano 381 ao ano 384)*, Braga, Ed. APPACDM

CASO, Ángeles (2006) *Las Olvidadas*, Barcelona, Ed. Planeta

CASTRO, Ivo (2006) *Introdução à História do Português* (2ª ed.), Lisboa, Ed. Colibri

CHADWICK, Henry (1978) *Prisciliano de Avila*, Madrid, Espasa-Calpe

CHRISTOL, Michel e NONY, Daniel (1993) *Roma e o seu Império – Das Origens às Invasões Bárbaras*, Lisboa, Publicações D. Quixote

CLERMONT-GANNEAU, Charles (1905) “La Peregrinatio dite de Sainte Silviae” in *Recueil d’Archéologie Orientale VI*, Paris, pp. 128-144

COELHO, António Borges (2010) *Donde Viemos – História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Editorial Caminho

Dezembro 2014

COSTA, Avelino Jesus da (1984) “Arquidiocese de Braga - Síntese da sua História” in *Separata do Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Vol. III, Lisboa, pp. 130-131

CRISTIANI, M. (1962) *Breve História das Heresias*, S. Paulo, Ed. Flamboyant

DANIEL-ROPS (1956) *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, (Trad. Prof. Eduardo Pinheiro) Porto, Livraria Tavares Martins (Título original *L'Église dès Apôtres et des Martyrs*, publicado em 1948)

DAWSON, Christopher (2010) *La Religion y el Origen de la Cultura Occidental*, (Trad. Elena Vela), Madrid, Ed. Encuentro (Título original *Religion and the Rise of Western Culture*, publicado em 1975)

DEVOS, Paul, S. J. (1967) “La date du voyage d'Égerie” in *Analecta Bollandiana*, 85, pp. 165-194

(1967) “Égérie à Édesse. S. Thomas l'apôtre. Le roi Abgar” in *Analecta Bollandiana*, 85, pp. 381-400

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. (1950) *Antologia del latín vulgar*, Madrid, Ed. Gredos

DOMÍNGUEZ, Xosé Leyra (1997) *Xacobe e Prisciliano*, Vigo, Ed. Ir Indo

DURÃO, Paulo, S. J. (1968) “Algumas observações sobre a linguagem da Peregrinação de Etéria” in *Separata da Revista Bracara Augusta*, vol. XXI, fasc. 47-48, pp. 59-62

Dezembro 2014

ERNOUT, A. (1952) “Les mots grecs dans la «Peregrinatio Etheriae»” in *Emerita*, 20, pp. 289-307

FELICIANO NOVOA, (coord.) (2003) *De Fisterra a Xerusalén. Exeria e os Primeiros Peregrinos Cristiáns*, Santiago de Compostela, Ed. Xunta de Galicia e Museo das Peregrinacións.

FERNÁNDEZ CATÓN, J. M. (1962) “Manifestaciones ascéticas en la Iglesia Hispano-Romana del siglo IV”, in *Studium Legionense*, 3, León, pp. 171-267

FEROTÍN, Marius, OSB (1903) “Le véritable auteur de la «Peregrinatio Silviae» - la vierge espagnole Ethéria” in *Revue des questions historiques*, Tome XXX (LXXIV de la collection), pp. 367-397

FERREIRA, Ana Isabel Martín (2008) “El Paisage en la Peregrinatio Egeriae” in OLIVEIRA, Francisco de, TEIXEIRA, Cláudia e DIAS, Paula Barata (Coords.) *Espaços e Paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas – Vol.2*, Coimbra, Ed. APEC, pp. 327-332

FERRY, Luc e JERPHAGON, Lucien (2010) *La Tentación del Cristianismo, de Secta a Civilización*, (Trad. Jordi Terré) Barcelona, Ed. Paidós (Título original *La Tentation du Christianisme*, publicado em 2009)

FRANDBSEN, Stig Ramlöv, (2004), “L’*Itinerarium Egeriae*: Un Point de Vue Littéraire” in *Classica et Mediaevalia*, nº 55, p.164

FREIRE, José Geraldes, (1987) “Três Notas sobre a origem de Egéria: accedere, collum, pullus” *Actas do Colóquio sobre o ensino do latim*, Lisboa, pp. 273-282

Dezembro 2014

GALDO, María Xosé Rodriguez (coord.) *Textos para a Historia das Mulleres en Galicia*, Ed. Consello da Cultura Galega (pp. 93 e 103)

GOLDSWORTHY, Adrian (2010) *O Fim do Império Romano*, Lisboa, Ed. Esfera dos Livros

GONZÁLEZ-HABA, Mercedes (1976) “El «Itinerarium Egeriae» un testimonio de la corriente cristiana de oposición a la cultura clásica” in *Estudios Clásicos*, 20, pp. 123-131

GRÜN, Anselm (2010) *El Camino a través del desierto*, (Trad. Maria del Carmen Blanco Moreno) Bilbao, Ed. Desclée De Brouwer (Título original *Der Weg durch die Wüste*, publicado em 2000)

HOFSTÄTER, Hans H. e PIXA, Hannes (1985) *História Universal Comparada de 139 a 715* (Trad. de Ana Rabaça e Franco de Sousa), Lisboa, Círculo de Leitores (Título original *Vergleichende Welt Geschichte*, publicado em 1984)

HUFFSTOT, Maria da Luz de G. Velloso da Costa, (2008) *As Origens do Cristianismo na Lusitânia*, Lisboa, Universidade Lusíada Editora

JAEGER, Werner (2010) *Cristianismo Primitivo y Paideia Griega* (Trad. Elsa Cecília Frost) Mexico, Ed. FCE (Título original *Early Christianity and Greek Paideia*, publicado em 1961)

LAMBERT, Aimé, OSB (1938) “L’Itinerarium Egeriae vers 414-416” in *Revue Mabillon*, 28, pp. 49-69

(1936) “Egeria. Notes critiques sur la tradition de son nom et celle de l’Itinerarium” in *Revue Mabillon*, 26, pp. 71-94

Dezembro 2014

LE GOFF, Jacques (1995) *A Civilização do Ocidente Medieval*, Vols. I e II (2ª edição), (Trad. Manuel Ruas) Lisboa, Ed. Estampa (Título original *La Civilisation de l'Occident Médiéval*, publicado em 1964)

LELOUP, Jean-Yves, (2000) *Paroles D'Ermites Les Pères du Désert*, Paris, Albin Michel

LENTSMAN, Iakov (s.d.) *A Origem do Cristianismo*, Lisboa, Ed. Caminho

LÉVI-STRAUSS, Claude (2010) *O Olhar Distanciado* (Trad. Cármen de Carvalho) Lisboa, Edições 70 (Título original *Le Regard Eloigné*, publicado em 1983)

LOBO, Francisco Rodrigues e CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas (Introd. e Notas) (1991) *Corte na Aldeia*, Lisboa, Ed. Presença

LUCAS, Maria Clara de Almeida (1984) *Hagiografia Medieval Portuguesa*, vol. 89, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa

MARAVAL, Pierre (1996) *Récits des Premiers Pélerins au Proche-Orient (IV et VII siècles)*, Paris, Ed. Cerf

MARAVAL, Pierre et DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. (2002) *Égérie Journal de Voyage (Itinéraire) et Lettre sur la Bse. Égérie*, (2ª tiragem da 1ª ed. revista e corrigida) Paris, Ed. Cerf

MARIANO, Alexandra Brito, (2007) “*In eo quod Amatur aut non Laboratur aut et Labor Amatur* -Esforço e Satisfação no *Itinerarium* de Egéria” in *OTIUM ET NEGOTIUM- As Antíteses na Antiguidade*, Actas de Colóquio, Lisboa, Vega

MARTINS, Mário (1979) *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, vol. 35, Amadora, Instituto de Cultura Portuguesa

Dezembro 2014

MENÉNDEZ PELAYO, M. (1986) *Historia de los Heterodoxos Españoles*, Vol. I (4ª Ed.), Madrid, Ed. B.A.C.

MICHAUX, Henri (1969) *L'Espace du dedans- pages choisies*, Paris, Ed. Gallimard

MORATÓ, Cristina (2001) *Viajeras Intrépidas y Aventureras*, Barcelona, Plaza y Janés

MORIN, G. (1913) “Un passage énigmatique de S. Jérôme contre la pélerine espagnole Eucheria?” in *Revue Benedictine*, 30, pp. 174-186

MOUNTFORD, J. F. (1923) “Sílvia, Aetheria, or Egeria?” in *The Classical Quartely*, 17, pp. 40-41

NOGUEIRA, Jerónimo (1996) *Das pedras também brota água*, Lisboa, Ed. Colibri

OTERO PEDRAYO, Ramón, (1982) *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*, Vigo.

PESSOA, Fernando, (1987) *Obra Poética de Fernando Pessoa, Poesia II, 1930-1933*, Ed. Europa-América

PIERRARD, Pierre (1992) *História da Igreja Católica*, Lisboa, Planeta Editora

PIETRI, Ch. et PIETRI, L., (1995) “Une nouvelle chrétienté” in J. M. Mayeur et al. (eds) *Histoire du Christianisme 2 Naissance d'une chrétienté 250-430*, Paris, Desclée

Dezembro 2014

POPEANGA, Eugenia (1991) “El viaje iniciático. Las peregrinaciones, itinerários, guias y relatos” in *Filologia Românica*, Anejo I, Madrid, Ed. Universidad Complutense, pp. 27-37

PRIETO, Victorino Pérez (2010) *Prisciliano na Cultura Galega –Un Símbolo Necesario*, Vigo, Ed. Galaxia

RATTO, Maria Grazia (1991) *Tipologie Femminili nel «Diário di Viaggio» di Egeria*, Tese, Torino, Facoltà Teologia dell’Italia Settentrionale. Recuperado em 2011, Janeiro, de <http://www.tesionline.com/intl/thesis.jsp?id=20119>

REALE, G. e ANTISERI, O. (1990) *História da Filosofia, Antiguidade e Idade Média*, Vol. I, Col. História da Filosofia, S. Paulo, Ed. Paulinus

REGO, Xosé Chao (1999) *Prisciliano Profeta Contra o Poder*, Vigo, Ed. A Nosa Terra

RICHARD, Jean (1981) *Les récits de Voyage et de Pélerinage*, Turnhout: Brepols

RODRIGUES, A. Jacinto (2002) “O Priscilianismo – Mitos e Factos numa Peregrinação entre a Luz e as Trevas” in *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim*, Vol. XXXVII, pp. 265-288

ROSMANINHO, Andreia (2010) *Literatura de Viagem: Estórias sobre a História*, São Paulo, Ed. Ixtlan

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de (2009) *Inéditos*, Ed. Casa das Letras

(1939) *Terre des Hommes*, Paris, Ed.

Gallimard

Dezembro 2014

SALEMA, Teresa e CANTINHO, Maria João (2011) *Literatura e Inquietude Antologia de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Ed. Colibri/PEN Club Português

SANTOS, Teresa (2008) “Interpelações entre espaço e paisagem. Uma leitura das Confissões de Agostinho” in OLIVEIRA, Francisco de, TEIXEIRA, Cláudia e DIAS, Paula Barata (Coords.) *Espaços e Paisagens - Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas – Vol.2*, Coimbra, Ed. APEC, pp. 305-325

SERVIN, A. (1948/49) “La Tradition Judéochrétienne de l’Exode” in *Bulletin de l’Institut d’Egypte*, 31, pp. 315-355

SILVA, Paula Oliveira e (1999) “Ortodoxia e Heterodoxia” in *História do Pensamento Filosófico Português*, (dir. Pedro Calafate) vol. I, Lisboa, Ed. Caminho, pp. 43/116

SIMÕES, Margarida Barahona (2002) *Prisciliano e as Tensões Religiosas do Século IV*, Lisboa, Ed. Universidade Lusíada

(1989) “A Cultura da Faixa Atlântica da Península Ibérica na Alta Idade Média” in Separata da *Revista Trimestral de Ciência e Cultura Lusíada*, vol. 2, Lisboa, pp. 61-70

TAVARES, José Fernando (2000) *A Paisagem Interior*, Vol. I, Crítica e Estética Literárias, Lisboa, Ed. Instituto Piaget

TAVARES, Maria José Ferro (1992) *Portugal Romano - caderno de apoio*, Lisboa, Universidade Aberta

Dezembro 2014

TORRES, Casimiro (1955) “Egeria, protótipo de los peregrinos del siglo V”
in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 10, pp. 314-320

TRANOY, Alain (ed.) (1974) *Idacio. Chronique*, Paris, Ed. Cerf

VACCARI, Alberto (1943) “Itinerarium Egeriae” in *Biblica*, 24, pp. 388-397

VALE, Rosalvo do (2008) *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheria*, Rio de Janeiro, Ed. Botelho, Tese de 1975. Recuperado em 2011, Janeiro, de http://www.filologia.org.br/rosalvo_cd_rom/consideracoes_sobre_a_peregrinatio_aetheriae.do...

VELOZO, Francisco J. (1966) “Etéria (séc.IV) e o Latim Lusitânico”, in *Revista de Portugal, Série A*, nº 31, Lisboa

(1982) “Filosofia e História” in *Boletim de Trabalhos Históricos*, Vol. XXXIII, pág.190

VERMEER, G. F. M. (1965) “Observations sur le vocabulaire du pèlerinage chez Egerie et chez Antonin de Plaisance” in *Latinitas Christianorum Primaeva*, 19, XXIII, p. 140

VIVES, José (ed.) (1963) *Concílhos Visigóticos e Hispano-Romanos*, C.S.I.L. Barcelona-Madrid

WEBER, Robert, O.S.B. (1958) “Note sur «Itinerarium Egeriae» XXVIII, 4”
in *Vigiliae Christianae*, 12, pp. 93-97

(1952) “Note sur le texte de la «Peregrinatio Aetheriae»” in *Vigiliae Christianae*, 6, pp. 178-182

Dezembro 2014

WILMART, André (1912) “Encore Egeria” in *Revue Bénédictine*, 29, pp. 91-96

(1911) “L’Itinerarium Eucheriae” in *Revue Bénédictine*, 28, pp. 68-75

(1908) “L’Itinerarium Eucheriae” in *Revue Bénédictine*, 25, pp. 458-467